

ILUSTRAÇÃO

N.º 208 — 9.º ano



SÔBRE A AREIA...

(Foto Salgado e Vaissier)

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, dum queda, dum dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos dum forma agradável e acessível a tódas a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior de África, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate dum queda, dum envenenamento, dum dor repentina, dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado,
encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a tódas a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA
POR PROCESSOS CIENTÍFICOS



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
A. DA LIBERDADE 35. TELEF. 21866

Grande sucesso literário

À VENDA O 3.º MILHAR

É A GUERRA

Diário da grande conflagração europeia

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 304 págs., brochado . . . 12\$00
encadernado 17\$00



PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA



A mosca é
portadora de
**DOENÇAS
CONTAGIOSAS**

... extermine-as com **FLIT**

Apezar da sua aparência inofensiva, a mosca é bem perigosa! O tifo, a escarlatina e até mesmo a tuberculose, são muitas vezes transmitidas pela mosca que, muitas vezes nos passa despercebida. E muita gente tenta exterminá-las com insecticidas incapazes de as destruir. Adquiria a certeza de que compra FLIT. O FLIT pulverizado não mancha. Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta.



Exija **FLIT**
RECUSE TODAS AS SUBSTITUIÇÕES

Biblioteca de Instrução Profissional

Livros escolares de consulta e instrução

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

ALGEBRA ELEMENTAR, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 296 páginas..... 13\$00

ARITMÉTICA PRÁTICA, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 384 págs..... 13\$00

DESENHO LINEAR GEOMÉTRICO, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 192 págs., com 292 gravuras..... 12\$00

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE, por *João Ribeiro Cristino da Silva*—1 volume de 709 págs., com 641 grav. 25\$00

ELEMENTOS DE MECÂNICA, por *Eugénio Estanislau de Barros*—1 vol. de 230 págs., com 141 grav..... 12\$00

ELEMENTOS DE METALURGIA, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 424 págs., com 121 grav. 20\$00

ELEMENTOS DE MODELAÇÃO, por *Joseph Fuller*—1 volume de 150 págs., com 69 grav. e 30 estampas..... 12\$00

ELEMENTOS DE PROJEÇÕES, por *João António Piloto*—1 vol. de 405 págs., com 351 grav..... 18\$00

ELEMENTOS DE QUÍMICA, pela Direcção da *Biblioteca de Instrução Profissional*—1 vol. de 330 págs., com 73 gravuras..... 15\$00

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL, por *Severiano Ivens Ferraz*—1 vol. de 188 págs..... 12\$00

FÍSICA ELEMENTAR, por *Mário Valdez Bandeira*—1 vol. de 304 páginas, com 241 gravuras..... 15\$00

GEOMETRIA PLANA E NO ESPAÇO, por *A. Cunha Rosa*—1 volume de 390 págs., com 273 grav..... 15\$00

O LIVRO DE PORTUGUÊS, por *António Baião*—1 vol. de 220 págs..... 12\$00

MECÂNICA

DESENHO DE MÁQUINAS, por *Tomaz Bordalo Pinheiro*..... 30\$00

MATERIAL AGRÍCOLA, por *H. Francem da Silveira*—1 volume de 270 páginas, com 268 gravuras..... 15\$00

NOMENCLATURA DE CALDEIRAS E MÁQUINAS DE VAPOR, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 280 páginas, com 423 gravuras 15\$00

PROBLEMAS DE MÁQUINAS, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 400 páginas, com 170 gravuras..... 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

ACABAMENTOS DAS CONSTRUÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—

1 volume de 340 páginas, com 162 gravuras..... 17\$00

ALVENARIA E CANTARIA, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 280 páginas, com 337 gravuras..... 15\$00

CIMENTO ARMADO, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 632 págs., com 351 gravuras..... 25\$00

EDIFICAÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 260 páginas, com 191 gravuras..... 15\$00

ENCANAMENTOS E SALUBRIDADE DAS HABITAÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 300 páginas, com 157 gravuras..... 15\$00

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 440 páginas, com 268 gravuras..... 20\$00

TERRAPLENAGENS E ALICERCES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 230 páginas, com 230 gravuras..... 15\$00

TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 400 páginas, com 448 gravuras..... 20\$00

TRABALHOS DE SERRALHARIA CIVIL, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 360 páginas, com 442 gravuras..... 18\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

CONSTRUÇÃO NAVAL, IV volume (*Construção de navios de ferro*), por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 148 páginas, com 298 gravuras formato 16 x 22..... 12\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL, V vol. (*Armamento e acessórios dos navios de ferro*), por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 130 páginas, com 138 gravuras, formato 16 x 22..... 12\$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS, por *António Augusto Mendonça Taveira*—1 volume de 670 páginas com 715 gravuras..... 25\$00

CONDUTOR DE MÁQUINAS, (*Nova edição rejunhada*)—1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 estampas..... 25\$00

FABRICANTE DE TECIDOS, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 608 páginas, com 342 grav..... 25\$00

FERREIRO—1 volume de 238 páginas, com 155 gravuras e 34 estampas... 15\$00

FOGUEIRO, por *António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real*—1 volume de 384 páginas, com 318 gravuras... 18\$00

FORMADOR E ESTUCADOR, por *Joseph Fuller*—1 volume de 196 páginas, com 66 gravuras..... 12\$00

FOTÓGRAFO, por *Antero Dâmaso das Neves*—1 volume de 204 páginas, com 31 gravuras..... 12\$00

FUNDIDOR, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 232 páginas, com 164 gravuras..... 15\$00

GALVANOPLASTIA, por *André Brochet*, tradução de *Manuel Vêres*—1 volume de 400 páginas, com 148 gravuras 18\$00

MARCENEIRO, por *José Pedro dos Reis Colares*—1 volume de 378 páginas, com 299 gravuras e 97 estampas..... 20\$00

MOTORES DE EXPLOÇÃO, por *António Mendes Barata*—1 volume de 450 páginas, com 368 gravuras..... 20\$00

NAVEGANTE, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 308 páginas, com 139 gravuras..... 15\$00

PILOTAGEM, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 360 páginas, com 119 gravuras..... 17\$00

SERRALHARIA MECÂNICA, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 412 páginas, com 395 gravuras..... 20\$00

TOPOGRAFIA E AGRIMENSURA, pelo capitão *Guedes Vaz* e tenente *Mousinho de Albuquerque*—1 volume de 362 páginas, com 238 gravuras..... 18\$00

TORNEIRO E FREZADOR MECÂNICOS, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 307 páginas, com 372 gravuras..... 17\$00

VOCABULÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS, por *Raul Boaventura Real*—1 volume de 558 páginas..... 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

INDÚSTRIA ALIMENTAR, por *Pedro Prostes*—1 volume de 180 páginas, com 76 gravuras..... 14\$00

INDÚSTRIA DE FERMENTAÇÃO, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 180 páginas, com 72 gravuras..... 14\$00

INDÚSTRIA DE SABÕES E SABONETES, por *António Rio de Janeiro*—1 volume de 100 páginas, com 26 gravuras..... 10\$00

INDÚSTRIA DO VIDRO, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 232 páginas, com 111 gravuras..... 15\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à Livraria BERTRAND | R. Garrett, 73-75 — LISBOA



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral, reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências,
das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

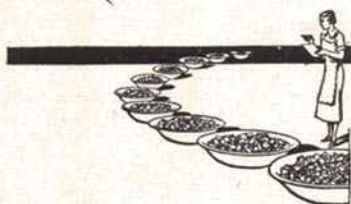
1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

Dez porções
bem servidas
em cada pacote.



Cada prato de Corn Flakes KELLOGG'S é uma refeição fresca e tentadora. Pode servir-se de muitas maneiras. Com leite ou nata, ou com frutas frescas, sorvete, etc.

Leves, tostadinhos e bastante alimentares. Estes flocos servem-se directamente do pacote para o prato, e são esplendidos para de manhã, ao lunch ou ao deitar.

E quanto não se economisa? Não há despesa de lume. Cada pacote dá à vontade para 10 pessoas.

**Kellogg's
CORN FLAKES**



A venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

748

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol.
ilustrado 6\$00

DEPOSITÁRIA:

Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Doces e Cosinhados

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas.. 2\$500

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valôres, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriaatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br... 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br..... 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$00; br..... 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br..... 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excellentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.^a edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina..... 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

MORREU o marechal Hindenburgo, grande artífice da destruição do «cilindro russo» que teve o seu momento de celebridade no começo da Grande Guerra. Desaparecido esse prestigioso militar assumiu a plenitude do poder no país alemão o «condutor» Hitler. Para garantir o acto com o selo de perfeita autenticidade germânica procurou-se um plebiscito que já se sabe dará ao candidato a quasi unanimidade do sufrágio. Fica sagrado chefe, segundo o velho modelo, o homem que o espírito nacional procurava desde a eliminação de Guilherme II, devorado pela catástrofe de 1918. Sacia-se por este modo a necessidade imperiosa daquele povo que se acostumou a seguir ao mando de um escolhido e não quer mudar de sistema, dada a repugnância que sente por inovações. Um só com o direito de ligar e desligar, de ordenar a marcha e a paragem, prefaz o seu modelo ou medida perfeita. Não entende, nem quer entender melhor processo de atingir a suprema, universal e eterna felicidade social. Qualquer outro furta-lhe a tranquilidade de consciência, ou provoca-lhe uma amargura, ou vazio, semelhante a viuvez.

O seu estado de calma, ou normalidade, consegue o com Frederico II, com Bismarck, com Guilherme II, de que Hitler aparece agora sucessor, ou encarnação dentro do princípio imutável. A maneira Stressemann, Eberth e similares, aparecem lhe destemperadas, desagradáveis ao paladar por isso transitórias. Hitler na sua última fase, sim, é o homem com o sal e pimenta Siegfried, com as emanações do Walhalla, vero unguido pelos óleos santos do germanismo.

Aonde levará êle a Alemanha?

Para escolher apresentam-se as duas perspectivas opostas, Frederico-Bismarck vencedores, ou Guilherme vencido.

Entre as duas formas não se descortina termo médio para nutrir o heroísmo violento, êsse que apenas se sacia de glória ou de morte. Já o novo chefe se apressou a declarar que não deseja territórios europeus, nem de qualquer outro continente porque só ambiciona a paz e detesta a guerra.

Quer apenas dizer que estão ainda verdes as uvas.

Adiante se verá a mansidão do cordeiro que serenamente expoz ao mundo as mãos tintas no sangue de Schleicher, Röehm e outros de que não se aprendeu o nome.

Pode ser que não pretenda regiões habitadas por morenos, pretos ou amarelos. O que com certeza lhe está no coração e em todas as veias, latente, in-submissa, é a aspiração a que em toda

CRÓNICA DA QUINZENA

a volta do globo se fale alemão, se beba cerveja de Munich, se toque música de Wagner e use cabelo louro.

Acreditemos que, afóra esta bagatela, não cubice mais nada.

Em prosseguimento do programa que decidiui prover a nação portuguesa de transportes seus para terras ultramarinas cravou-se o primeiro rebite no novo barco que terá o nome do «Douro».

Não fazia sentido que para enviar às possessões as coisas e pessoas representativas e asseguradoras de soberania, fôsse necessário pedir emprestado um comodo particular. Era indecoroso, e arriscado o sistema que além de magoar o brio, comprometia a segurança da fazenda, sempre ameaçada pela cubija de estranhos.

De facto, ou desistir de sermos ultramarinos e povoadores de continentes, ou adquirir os meios indispensáveis à garantia da posse efectiva e permanente dos lugares que consideramos uma extensão do solo pátrio.

Ora um desses meios essenciais, o primeiro da lista, consiste em ir até lá no seu burrinho, o que não se consegue quando se está na dependência de almoceve que alugue o macho e alforges.

A crítica vagabunda censurava outróra a penúria de uma marinha, cotando-a por absurdo num país colonial. A mesma crítica censura agora a abundância, ou luxo de construções, sem ao menos ter a coragem de afirmar que a esquadra dos seus pensamentos vinha a ser a reprodução pura e simples da heróica que foi à Índia comandada pelo almirante Vasco, a qual se encontra bem representada nas fragatas do Barreiro. O que em tudo isto se julga encontrar de contraditório explica-se ao verificar que apenas se trata de jactos de má língua, a qual, por índole própria, vocifera contra o sol e a chuva, o vento e a calma, visto ser seu único destino mal-dizer quanto apareça ao alcance dos olhos. A imprecação actual baseia-se no dinheirão que custa. Já se vê que a darem-na de graça, mercê de qualquer bemfeitor, logo clamaria contra a vergonha de aceitar semelhante dadia.

Afirmam alguns pessimistas que o único passatempo nacional é esse da maledicência, em boa companhia. Se

assim é, deixemos os pobres entediados que por seu engenho não descobrem melhor recurso para se desanojarem.

Andou pelos jornais como caso sensacional, cotado por homenagem ao seu autor, a nova chamada à cena da «Bisbilhoteira» de mestre Eduardo Schwalbach. Se quem pretendeu demonstrar ao dramaturgo ilustre a sua estima e admiração não encontrou outro meio mais expressivo, está bem. A lamentar só há que isto venha com tal rúbrica e os nossos costumes, ou vícios, consintam que uma peça daquelas fique anos e anos no sepulcro, sem dar sinais de vida.

Esta como tantas do autor e de outros mereciam sem favor nenhum a reedição periódica, pois não se entende que a substância capaz de deleitar as gerações anteriores não preste para as que se vão sucedendo.

Na última meada do século XIX e neste começo do XX produziu-se o suficiente para abastecer um teatro nacional que fôsse organizado nos devidos termos. O lamento de que não temos material dramático, de auctoria portuguesa, resalta vão desde que não pretenda fazer-se da cena um Moloch destruidor incessante de quanto lhe apresentem.

Peça que conseguiu impôr-se ao antepassado, deve possuir qualidades para resistir ao tempo, uma vez que não se trate de escandalo, ou modismo ocasional, fácil de reconhecer. Ha personagens definitivos, ou eternos no teatro antigo português como no moderno. Deixá-los no esquecimento, sem reavivá-los de tempos a tempos, significa pior que um menospreso indesculpável. Representa uma falta de respeito, equivalente a testemunho da incultura deste nosso pobre meio anónimo e irresponsável.

A representação da «Bisbilhoteira» constituiu um caso. É das que deviam ser representadas todos os anos. Como indicador basta para apoucar-nos.

A infinita praia portuguesa, com centos de quilómetros de extensão, continua a apresentar muita areia descoberta a toda a hora sem gente que a cubra com o corpo. Se mais não fôsse, ao domingo deveria desaparecer todo o espaço branco, sob a pele do habitante estendido ao sol. Apenas áquem, além se lobrigam os vultos quasi tão raros como naufragos em ilha deserta. De tão poucos serem causa tristeza contá-los.

Enquanto isto sucede os sanatórios não bastam para os tuberculosos que são, em grande número, simples esfo-meados de luz solar. Samuel Maia.



ONDE SE DEVEM INSTALAR os preciosos livros antigos LEGADOS AO ESTADO pelo rei D. Manuel?

CHEGARAM no dia 26 do mês passado a Lisboa alguns dos livros que formam a preciosa biblioteca legada por D. Manuel II ao nosso país. Trouxe-os, rodeados de cuidados extremos, o sr. dr. Maurice Leon Ettinghansen, sócio dos importantes livreiros Maggs Brothers, que editaram o erudito catálogo escrito pelo falecido rei.

Este catálogo, que tem por título «Livros Antigos Portugueses», compõe-se de três volumes, dois dos quais estão publicados. O primeiro volume é constituído pelo estudo dos livros publicados de 1495 a 1539; o segundo, pelos de 1540 a 1569; e o terceiro, pelos de 1570 a 1600. Nelles faz D. Manuel a descrição das maravilhas da sua biblioteca, ilustrando o texto reproduções de frontespícios, títulos e gravuras em madeira dos mais importantes incunábulo, manuscritos e livros a que se faz referência. A edição, que é bilingue, tem os textos português e inglês colocados a par.

A firma Maggs Brothers trabalha actualmente na edição do terceiro volume que deve ser publicado em Outubro. A morte súbita de D. Manuel impediu-o de completar o seu trabalho. Assim, este último volume não conterá as anotações e comentários autorizados que valorizam os outros. Será constituído apenas pelo catálogo

A Biblioteca de D. Manuel de Bragança no palácio de Follen Park, de Londres

completo dos livros, algumas reproduções e dois estudos, em português e inglês, dos srs. dr. Ricardo Jorge e Aubrey Bell. Conterá ainda um prefácio escrito no Natal de 1933 pela senhora D. Augusta Vitória, em que se explica a razão porque este volume difere dos anteriores.

Como se sabe, os cento e vinte volumes que o sr. Ettinghansen trouxe para o nosso país estiveram, antes disso, mediante autorização do governo português, expostos em Paris, em cujos meios intelectual e artístico causaram a mais justificada sensação.

A convite do ministro de Portugal em Paris, comandante Gama Ochôa, o Presidente da República francesa, sr. Albert Lebrun, dignou-se inaugurar a exposição que visitou demoradamente. Miss Withers, bibliotecária do falecido rei, deu ao chefe de Estado francês explicações pormenorizadas sobre os exemplares mais preciosos que este escutou com vivo interesse. Acentuou o facto pouco conhecido de muitas dessas edições, de belo aspecto gráfico, serem devidas a um livreiro francês, Germain Guilhar, estabelecido por volta de 1520 em Lisboa.

Além dos livros, figuravam na exposição os originais do catálogo, escritos pelo próprio punho do rei, provas tipográficas por ele corrigidas, e, à margem uma reprodução fotográfica integral do *Codex Sinaiticus*, o primeiro manuscrito da Bíblia, que a Inglaterra adquiriu recente-

mente pela elevada soma de cem mil libras para figurar no British Museum.

Todas as personalidades em destaque no meio parisiense desfilaram, durante os dias em que a exposição se conservou patente ao público, perante as vitrinas que continham os preciosos livros. A imprensa francesa, por intermédio dos seus mais importantes órgãos, referiu-se ao notável acontecimento em termos muito lisonjeiros, exaltando a nobre e patriótica obra do soberano no exílio. A exposição contribuiu, assim, valiosamente, para tornar mais conhecido o nome do nosso país no estrangeiro e chamar a atenção dos centros de alta cultura para o período mais glorioso da nossa História — o dos Descobrimentos.

No lote de livros a que nos estamos referindo, figuram crónicas guerreiras, romances de cavalaria, descrições de viagens, guias de navegadores, tratados de astrologia, livros de horas escapados à Inquisição etc. Alguns são exemplares raros e mesmo únicos, como o manuscrito da «Tomada de Ceuta», datado de 1460; o «Almanaque Perpétuo» de Abraão Zacuto, impresso em Leiria em 1496 para uso dos navegantes, e que, segundo uma lenda que parece não ter qualquer fundamento, serviu a Colombo para se impôr ao respeito das tribus selvagens da América do Norte anunciando-lhes um eclipse solar; a «Consolação às tribus de Israel» de Salomão Usque, editado em Ferrara em 1552; o «Tratado da peste» de Kaminto, datado de 1495; as «Ordenações Manuelinas» de 1514; as «Cartas da Índia e do Japão» de 1562; e o «Concílio de Gôa», de 1567.

Estes volumes representam apenas parte da biblioteca legada por D. Manuel a Portugal. Muitos outros, igualmente valiosos, que não puderam ser ex-





A exposição dos livros de D. Manuel em Paris: EM CIMA — O ministro de Portugal em Paris, acompanhado dos srs. Maggs e suas esposas, admirando alguns dos exemplares expostos. Ao LADO — O Presidente da República Francesa, sr. Albert Lebrun ouvindo explicações de miss Withers, bibliotecária do falecido rei

postos devem chegar brevemente a Lisboa. Finalmente, os duzentos e trinta livros a que se refere o último volume do catálogo só serão entregues ao Estado português depois da publicação deste. Julgamos ser intenção do governo autorizar que, à semelhança do que se fez em Paris, êsses volumes sejam expostos em Londres antes de se fazer a sua expedição para Portugal.

Em conjunto, a biblioteca de D. Manuel representa um valor de cinco mil contos e na opinião dos livreiros Maggs Brothers deve ser a colecção privada mais importante do Mundo. Para avaliar da importância do legado feito pelo falecido rei, deve ainda ter-se em conta que a biblioteca constitue parte duma doação cujo valor total é muitíssimo mais elevado. Figuram nela muitas preciosidades artísticas, uma só das quais — o quadro «Tentação de Santo Antão» do pintor Jerónimo Bosch que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga — foi avaliado, por um competente amador de arte português, em quinze a vinte mil contos, ou seja três a quatro vezes o valor que se attribue à biblioteca.

Mas, à parte o seu preço, os livros de D. Manuel têm para o nosso país o valor de constituírem uma colecção incomparável sobre a época das navegações e dos descobrimentos, verdadeiro monumento erguido à glória de Portugal.

Quanto aos livros que figuraram na exposição de Paris, foi-lhes, provisoriamente, dado lugar nos cofres da Direcção Geral da Fazenda Pública, cujo director, sr. António Luiz Gomes passou dêles recibo ao sr. dr. Maurice Ettinghansen.

Dáí sairão para ser expostos ao público de Lisboa em data e local ainda não designados. Parece, contudo, provável que sejam escolhidos para êsse fim a Câmara Municipal ou o Museu das Janelas Verdes.

Quanto ao destino que terão ulteriormente é prematuro quanto se possa dizer. Segundo as disposições testamentárias de D. Manuel os livros deviam ser

O acto de entrega dos livros pelo sr. Ettinghansen à Direcção Geral da Fazenda Pública



enviados para Vila Viçosa onde ficaria constituída a Biblioteca da Fundação da Casa de Bragança. Surgiram, porém, opiniões discordantes. O dr. Ettinghansen interrogado a êste respeito pelo representante dum jornal de Lisboa, declarou:

«Não concordo que tais preciosidades bibliográficas fiquem sepultadas numa terra quasi ignorada da provincia. Lá longe os bibliófilos e os estudiosos não poderão admirá-los facilmente. E, pelo menos, os livros raros ficariam melhor em Lisboa, no Museu das Janelas Verdes ou noutro qualquer».

As razões aduzidas pelo livreiro inglês

pode acrescentar-se que a conservação desses preciosos exemplares exige cuidados especiais que melhor lhe podem ser dispensados em Lisboa que em Vila Viçosa.

Como dissemos, é cêdo ainda para fazer sobre o assunto afirmações definitivas visto que a questão terá de ser tratada entre o Governo e a Junta administrativa da Fundação da Casa de Bragança constituída pelos srs. dr. Vicente Rodrigues Monteiro, D. António de Lencastre, conde de

Penha Garcia, dr. Eduardo Fernandes Oliveira, dr. José de Figueiredo, dr. António Luiz Gomes e Antero Leal Marques. De resto, o caso está previsto pelo parágrafo 1.º do artigo 10.º do decreto-lei n.º 23.240 de 21 de Novembro de 1933, que diz:

«Cumprê ao Governo providenciar em qualquer tempo, de acôrdo com a Junta, sobre a instalação, que por qualquer motivo convenha fazer fora do Museu de Vila Viçosa, de parte dos livros, objectos de arte e de curiosidade pertencentes à Fundação».

Estamos certo, portanto, que o problema será estudado como merece.



Uma homenagem a Delfim Guimarães

As minhas relações com Delfim Guimarães, relações pessoais, começaram já depois de feita a República.

Ainda eu frequentava as aulas, estudante de medicina, já ele se esforçava por ganhar a vida, sem meios para fazer um curso longo, e bem cedo com encargos de família que lhe impunham um trabalho perseverante, remunerado com excessiva parcimónia. A mim chegava-me o tempo para bedelhar na política, porque a mesada que meu pai me dava era suficiente para as minhas despesas de estudante, não tendo, por isso, necessidade de repartir o meu tempo e o meu esforço entre os estudos e qualquer outro trabalho de que auferisse lucros.

Quando a Inglaterra nos afrontou com o «ultimatum» já eu clinicava na vila do Torrão, à espera de ser nomeado cirurgião do Exército, para que fizera concurso. A Academia, num ímpeto de amor pátrio ofendido, iniciou logo um movimento de protesto, envolvendo na mesma onda de revolta a Inglaterra e o trono português.

Numa explosão de ódio, que era o patriotismo em fúria, originou-se o 31 de Janeiro, revolução republicana que só por mal organizada e mal dirigida não antecipeou de vinte anos a abolição da realeza em Portugal.

Dois jornais contribuíram largamente para se formar a atmosfera propícia ao 31 de Janeiro — a *Pátria*, em Lisboa, jornal de estudantes, a que eu dei uma larga colaboração, e a *República*, no Porto, jornal de João Chagas, e que era um clarim de guerra vibrando todas as manhãs.

Os revolucionários de maior categoria, que puderam escapar, nas primeiras horas, à sanha dos janizaros, empenhados em deitar-lhes a unha, trataram de sair do País, indo uns para aqui, outros para além, o maior número, senão todos, internando-se em Espanha, por ser país vizinho.

Para ali foi, e por ali se conservou José Sampaio, falho de recursos.

Naquele tempo havia em Portugal uma forte corrente política federalista, e conseqüentemente uma grande curiosidade de conhecer a

Espanha, a sua vida política, económica e social, de modo a formar-se aqui um juízo, tanto quanto possível seguro, sobre o que seria uma República Federal em Espanha, e que lugar haveria nessa República que pudesse ser ocupado pelo nosso país — o mais importante dos seus elementos federativos.

Eu, Higinio de Sousa e Crispiniano da Fonseca, fomos à redacção do *Século*, então já empolgado por Silva Graça, pedir que fôsse convidado o Bruno a escrever para o jornal, cartas de Espanha, considerando a vida do país vizinho nos seus diferentes aspectos, habilitando assim o público português, representado por milhares de leitores do *Século*, a conhecer o vizinho de sempre, e que poderia vir a ser, porventura, num futuro próximo ou afastado, um parceiro dentro duma nova associação política, paga esta colaboração conforme parecesse justo. Era uma maneira de acudir à penúria dum ilustre emigrado político, sem ter o ar de lhe oferecer uma esmola.

Resposta seca e dura de Silva Graça, como de pessoa malcriada:

«O *Século*» não precisa de colaboração; vive bem com as vinte mil leitoras dos seus folhetins.

Delfim Guimarães trabalhava então no *Século*, não como redactor, mas como contabilista, e saiu de lá sem que Silva Graça lhe pagasse uns três ou quatro contos que lhe devia de ordenados em atraso. A partir de então, o meu grande e saudável amigo dedicou-se ao comércio de livreria e edição de livros populares, de que fazia grande venda no Brasil, tendo como sócio Paulo Martins Cabral, actual gerente da casa Guimarães & C.^a, casa editorial de primeira ordem e de largo futuro.

O pequeno comércio de livreria e edições baratas não garantia ao Delfim o rendimento suficiente para as irreduzíveis despesas da sua casa, carregado de filhos, e por isso aceitou o lugar que lhe ofereceram de guarda-livros numa casa rica de Lisboa, a riqueza dessa casa consistindo principalmente em fazendas na Ilha de S. Tomé.

Delfim Guimarães não era dos que trabalham conforme a paga; ajustava-se para trabalhar e trabalhava o mais e o melhor que podia, embora reconhecesse que o seu trabalho não era pago com equidade. Esta frase muito vulgar — para o que me pagam ainda trabalho demais — Delfim Guimarães era incapaz de a pronunciar, incansável trabalhador e homem sério como poucos.

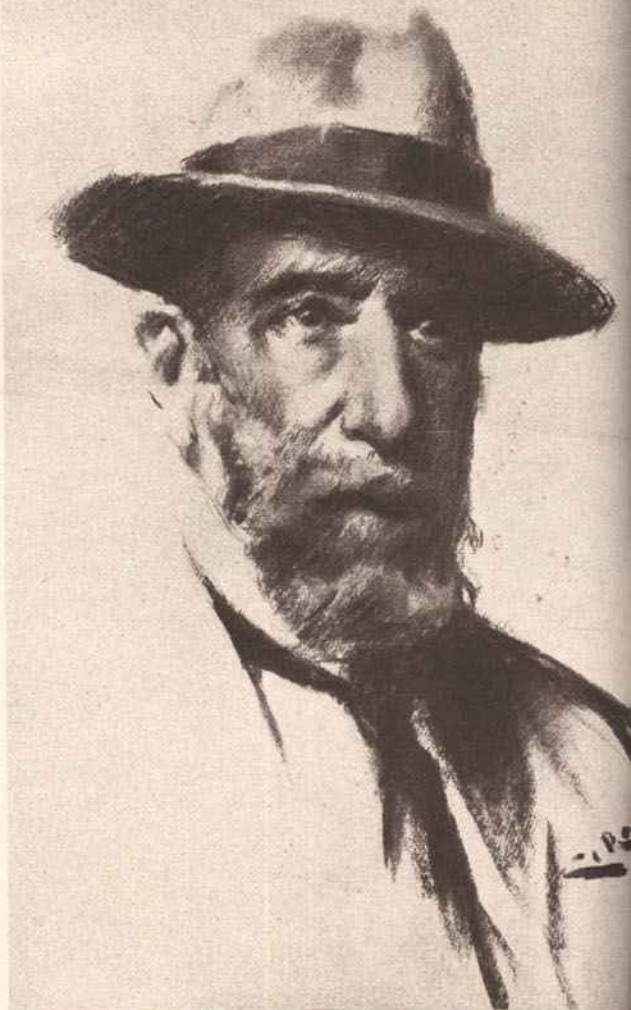
Morreu a trabalhar e por excesso de trabalho.

As repetidas visitas que fez a S. Tomé, em serviço da casa em que estava empregado, minaram-lhe gravemente a saúde, apressando-lhe a morte.

Os seus amigos viam que ele resvalava para a covia, a supor-se muito agarrado à vida, e baldadamente o aconselhavam a que se poupasse, só trabalhando para não morrer de aborrecimento.

Nas horas que lhe deixava livres o emprego não descansava como devia, trabalhava no que constituía a predilecção do seu espirito — poesia e crítica de história literária.

Delfim Guimarães era um lírico; os seus versos, rigorosamente medidos, tecnicamente perfectos, eram a expressão dos sentimentos de bondade e de beleza que lhe enchiam a alma,



DELFIN GUIMARÃIS

(Carvão de Carlos Reis)

e dela brotavam com admirável espontaneidade.

Estou convencido de que nunca um mau pensamento lhe passou pela mente, e tenho a certeza de que nunca praticou uma acção má que diminuísse a sua elevada estatura moral.

Se estivesse, ele só, à frente da sua casa editora, teria dado com ela em pantana, porque lhe faltava a coragem para dizer que não a qualquer que fôsse bater-lhe à porta com um manuscrito na mão. Faziam-lhe pena os moços literatos, poetas ou prosadores, alguns, muito raros, verdadeiramente talentosos, outros, o maior número, sem nenhuma espécie de talento, ambiciosos de se verem editados, mais pela glória que pelo dinheiro. Republicano de sempre, nada ganhou, materialmente, com a República, a ver os outros, nem invejoso nem despeitado, a subirem, a treparem, muitos que além de não serem republicanos, não tinham merecimentos de qualquer ordem.

Confrangia, nos últimos tempos que teve de vida, vê-lo em permanente crise respiratória, o coração aos pulos, ameaçando de paragem súbita — como um relógio de que se partiu a corda. Não me causou surpresa a sua morte, porque de há muito a esperava; de cada vez que lhe dizia adeus pensava de mim para mim que não tornaria a vê-lo.

O último livro que tirou da sua biblioteca, para oferecer, foi a mim que o ofereceu — um estudo crítico de Sainte-Beuve sobre o poeta mantuano; o último livro que lhe oferecemos, se não estou em erro, fui eu que lho ofereci — uma Imitação de Cristo, em verso.

Pobre Delfim!

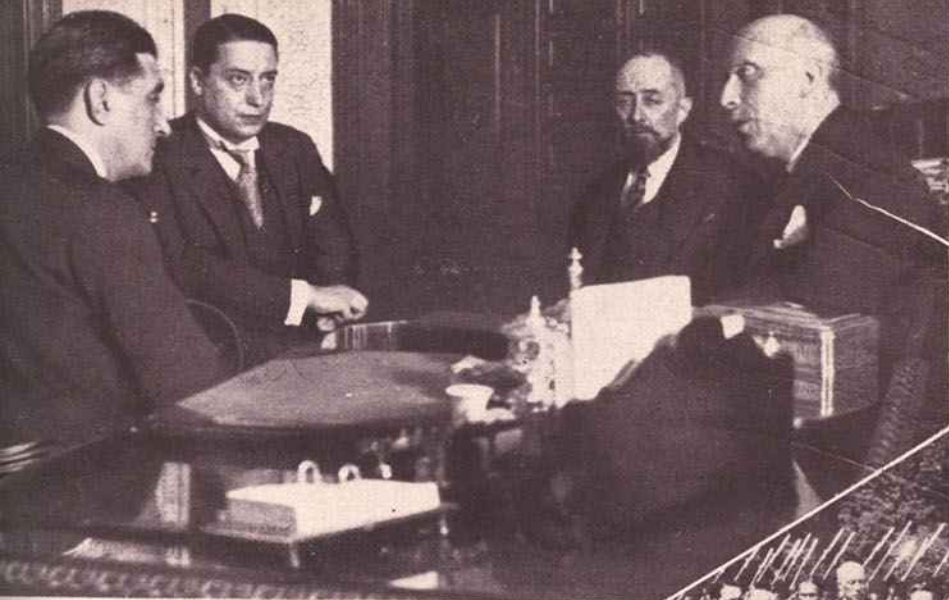
Foi dos meus amigos mais sinceros, e enquanto durou a União Republicana, foi dos meus correligionários mais leais. A obra que deixou, em prosa e verso, não dá a justa medida do seu valor, mas atesta a luminosidade da sua inteligência e a excelência do seu carácter.

Brito Camacho.

Passou um ano sobre a morte de Delfim Guimarães. Os seus amigos e admiradores — que foram muitos — dedicaram-lhe um «In-Memoriam», que Galino Marques organizou com carinho, enchendo cerca de 300 páginas de colaboração valiosa. Entre ela, figuram algumas das melhores obras do homenageado, quer em verso, quer em prosa. A publicação do «In-Memoriam» tem ainda um outro objectivo: contribuir, com o produto da venda, para ser erguido, na Amadora, um busto que perpetue a memória do homem, que em vida se chamou Delfim Guimarães e que tantos serviços prestou às letras portuguesas, não só como editor, mas também como escritor e poeta. O estudo da sua personalidade está feito por nomes ilustres, como sejam: Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alberto Branquinho, Alberto de Oliveira, Alirio da Cunha, Alvaro Neves, Armellim Júnior, Brito Camacho, Marques Leitão, Campos Lima, Cândido da Cruz, César de Frias, Cláudio Bastos, conde da Aurora, Costa Leão, Eduardo de Noonha, Eloi do Amaral, Soares Branco, Fernando Tavares de Carvalho, Ferreira de Castro, Gago Coutinho, Galino Marques, Ginestral Machado, Gomes de Carvalho, Gomes Monteiro, Henrique Campos Ferreira Lima, Henrique Marques, Henrique Marques Pereira, prof. J. M. Rodrigues, Jaime Câmara, prof. Azevedo Neves, João de Almeida, Gomes de Abreu, João Grave, Araújo Lima, João Paulo Freire, prof. Joaquim de Carvalho, José Sarmiento, Júlio Brandão, Júlio Dantas, Júlio Dias da Costa, Júlio de Lemos, Manuel António Gomes, Manuel Ribeiro, Marques Braga, Martins Cabral, Pereira Vitorino, Pinto de Carvalho, prof. Ricardo Jorge, Rocha Martins, Ruy Gomes de Carvalho, Simões Ratola, Sousa Costa, Tavares de Carvalho e Vitorino Nemésio. Escreveram também sobre Delfim Guimarães as escriptoras sr.^{as} D. Alice Ogando, D. Beatriz Beltrão, D. Branca de Gonta Collaço, D. Maria Amélia Teixeira, D. Tereza Leitão de Barros e D. Virgínia Lopes de Almeida. Destacamos dessa interessante obra o artigo assinado por Brito Camacho, que reproduzimos na íntegra, nesta página.

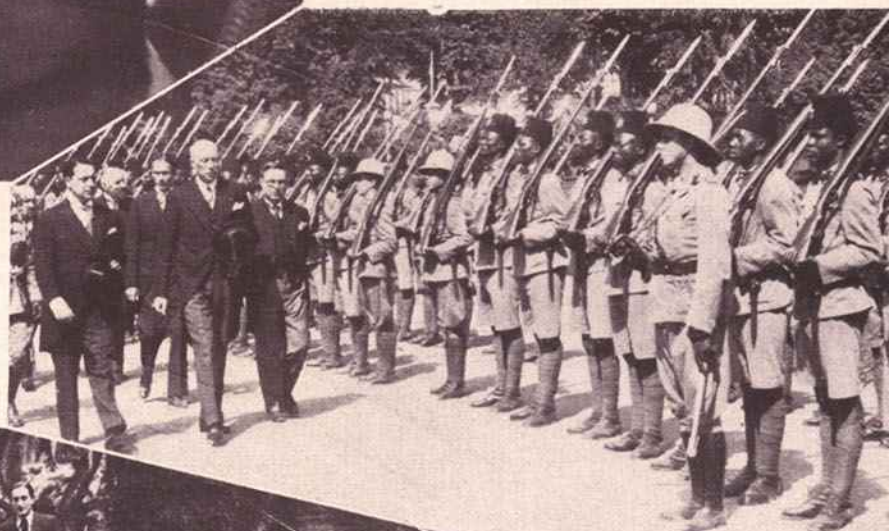
A Exposição Colonial Portuguesa

tem sido visitada por
altas individualidades estrangeiras



O ministro das Colónias da Bélgica, em Portugal.

— A caminho do Porto, onde visitou a Exposição Colonial, esteve em Lisboa, o sr. Paul Tschofen, ministro das Colónias da Bélgica. Tanto naquela cidade, como em Lisboa, o ilustre estadista foi alvo de várias manifestações de simpatia. Teve uma larga conferência com o sr. dr. Oliveira Salazar e assistiu, no Porto, a várias festas em sua honra. Aquele membro do governo belga seguiu no *sud*, directamente da capital do norte, para Paris.



AO ALTO DA PÁGINA: O ministro das colónias da Bélgica, acompanhado do representante daquele país em Lisboa e pelo ministro das colónias, foi recebido, em audiência particular, pelo presidente do governo.

EM CIMA: O sr. dr. Paul Tschofen, acompanhado do ministro das colónias, e do director-técnico da Exposição, capitão Henrique Galvão, passando revista à companhia indígena, em frente do Palácio das Colónias.

O ministro da Marinha e interino dos Estrangeiros de Espanha visitou o nosso país.

— Vindo do sul esteve entre nós, propositadamente, para visitar a Exposição Colonial do Porto, o sr. Juan José Rocha, antigo embaixador em Portugal e ministro da Marinha e interino dos Estrangeiros de Espanha. A viagem foi feita a convite do governo português. Após várias festas em Lisboa, seguiu para a capital do norte, onde foi recebido também festivamente, pelas entidades oficiais. Nos discursos que proferiu, focou sempre as afinidades culturais da Península.



AO CENTRO DA PÁGINA: O antigo embaixador da Espanha em Portugal, acompanhado de algumas pessoas que o foram cumprimentar à embaixada daquele país em Lisboa.

EM CIMA: O sr. Juan José Rocha visitou, oficialmente, a Câmara do Comércio de Espanha e assistiu a um almoço em sua honra.

A ESQUERDA: Durante a visita à Exposição Colonial do Porto, o ministro da Marinha e interino dos Estrangeiros de Espanha, foi sempre acompanhado pelo sr. capitão Henrique Galvão, director-técnico e pelos vários representantes das colónias na Exposição.





MORREU

von Hindenburg

uma das grandes figuras da grande guerra

havia sido exuberantemente postos á prova. Os russos debandavam, deixando 80.000 prisioneiros! Entre os mortos, que eram aos milhares, figurava o general Samsonoff, comandante em chefe do exército vencido.

Hindenburg dera o primeiro grande golpe, marcando a plena lucidez do seu espírito superior.

Deste triunfo não deixou porém de compartilhar, o chefe do Estado Maior,

malquistar os dois soldados e Ludendorff tomou por vezes atitudes que poderiam desvia-lo da amizade de Hindenburg. Mas o velho marechal era uma alma a cuja grandeza os próprios adversários prestaram sempre justiça. Por isso, quando procuravam denegrir-lhe as intenções do seu antigo chefe de Estado Maior, frustrava a tentativa, dizendo: — "Pertencemos um ao outro até á morte. Quem o ataca, ataca-me a mim."

Ludendorff retribue com largueza, nas suas "Memórias", esta lealdade.

Após a notável acção contra os russos, o prestígio de Hindenburg tomou vulto em toda a Europa. O Kaiser sentindo-o bem e como reflexo, veio a nomeação do grande militar para o comando em chefe de todos os exércitos alemães em operações.

A guerra, a grande guerra para a Alemanha e para o mundo, ia começar. Nova batalha se travou com os russos aguerridos que foram levados de vencida e as atenções de Hindenburg voltaram-se depois para a Polónia e para a Lituânia. A primeira foi ocupada e parte da segunda também.

Em 1915 a guerra alastrava pela Europa, como uma onda de sangue.

Hindenburg era chamado á presença do Kaiser para receber dele plenos poderes. Com a mesma serenidade de sempre, o velho

A morte do famoso cabo de guerra que foi o feld-marechal von Hindenburg constituiu na verdade — não é lugar comum dizê-lo — uma perda irreparável para a nação alemã.

É que Hindenburg, depois de ter sido o chefe prestigioso das hostes germânicas na grande guerra, foi o chefe venerável da Alemanha vencida, numa hora grave e melindrosa da sua vida interna. Apresenta-se desta forma, sob dois aspectos notoriamente diferentes, a vida do grande cidadão: como militar e como político.

Como militar, a sua acção constituiu uma epopeia. Lutou em tenente, contra a França, na guerra de 70 e contra a França havia mais tarde de ser chamado a lutar. Quiz o destino que da primeira vez compartilhasse dos louros da vitória e que da segunda sofresse o peso esmagador da derrota. Imperturbável, Hindenburg foi porém sempre o mesmo homem: em 1870, como em 1918. Chamado a 22 de Agosto de 1914, o então general Hindenburg, recebeu o encargo de salvar a Alemanha da invasão russa. Mandato imperioso fôra conferido a quem esperava, acabar tranquilamente os seus dias, já na reserva, gozando as delícias que a tranquilidade do castelo de Hannover lhe proporcionava. De novo a figura austera do velho militar surgiu nos campos de batalha.

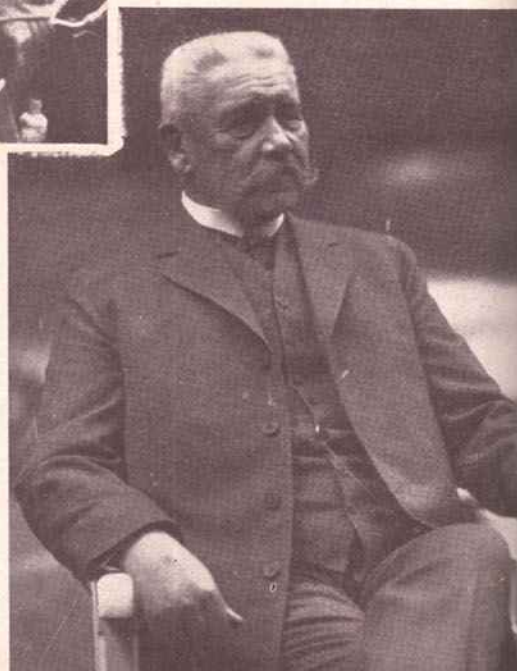
E assim, em fins de 1914, Hindenburg mantinha a onda russa em Tannenberg, depois de uma batalha de cinco dias, onde os seus profundos conhecimentos técnicos

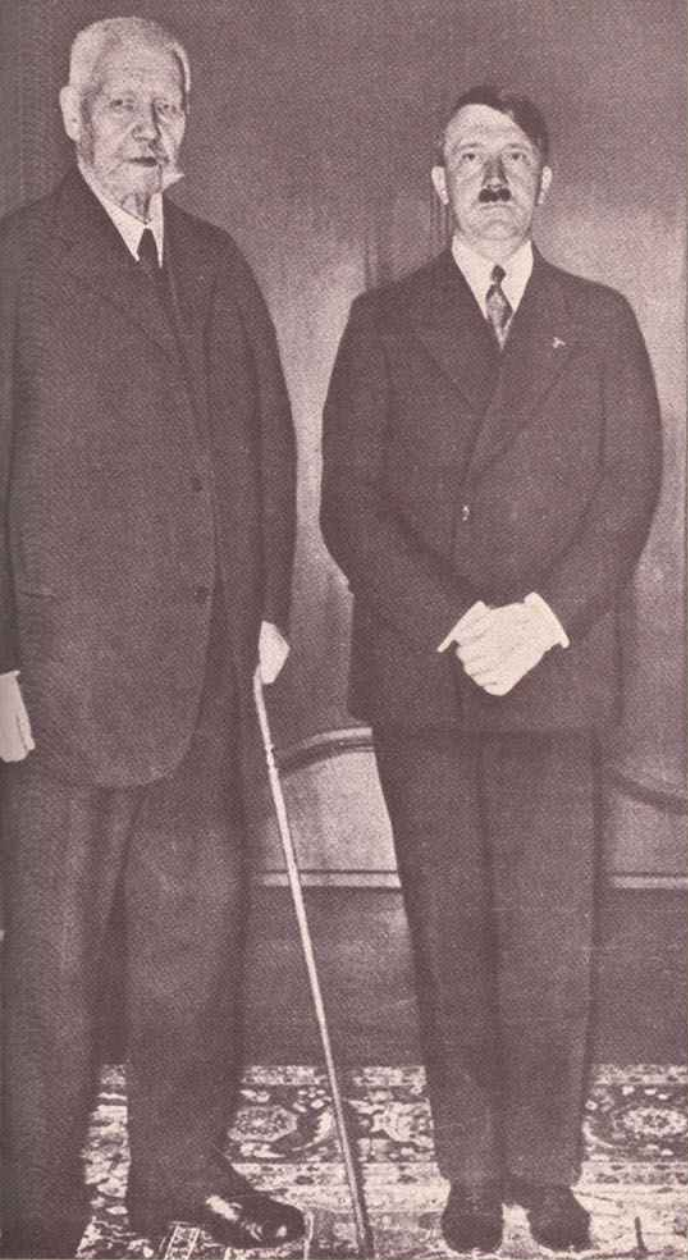


general Ludendorff, que Hindenburg encontrára já, investido em tais funções, quando lhe confiaram o comando do 8.º Exército. Existiam entre os dois oficiais diferenças grandes de caracter e de tendências, mas a mútua lealdade e confiança e a severa noção, que ambos tinham, do dever militar, estabeleceu entre os dois soldados uma identidade de vistas "sem par na história".

Depois da guerra não faltou quem, por política, tentasse

Três retratos do velho cabo de guerra depois da Alemanha lhe ter confiado a suprema direcção dos seus serviços.





Hindenburg, acompanhado de Hitler, no castelo de Neudeck, após a chacina de 30 de Julho, que apressou a sua morte

Hindenburg escrevia no seu «diário» de memórias: «Pensei nos 70.000.000 de habitantes, que vivem famélicos e nas vidas inumeráveis, a que a fome põe termo. Pensei nas crianças de peito, que morrem em consequência da extenuação de suas mãis e na cifra enorme de rapazes que para todos os anos da vida ficarão débeis, enfermiços».

Mas apesar de tudo a estrela de Hindenburg começava a eclipsar-se, para êle e para a Alemanha. As tropas germanicas entravam na defensiva francamente. As fases da guerra, não se descrevem num artigo de jornal; ennumeram-se ou alude-se a elas, especialmente áquelas que interessam á personalidade em questão. Mas Hindenburg é toda a guerra, no campo alemão. Ele foi, com o auxílio poderoso de Ludendorff — sem dúvida — a mola que movimentou milhões de homens nos campos de batalha.

O último ano da guerra foi de perfeito declínio. Os americanos deram o golpe final, moral primeiro, materialmente depois. O último grande arranco teutónico foi em La Lys. A propósito vale a pena referir um episódio que se relaciona com Portugal. Nas

suas «Memórias», o marechal refere-se á acção do Exército Português na Grande Guerra, dizendo no capítulo relativo á batalha de La Lys que as forças portuguesas retiraram «a toda a pressa», deixando aos ingleses a tarefa de aguentar o avanço alemão.

Publicadas as «Memórias», um oficial português, que tomou parte na famosa batalha — o capitão de artilharia sr. Nuno Antunes — escreveu a Hindenburg, notificando-lhe que fôra injusto para com os sacrificados soldados portugueses e explicando-lhe a forma como se deu e as circunstâncias que originaram a retirada portuguesa.

O marechal considerou a carta daquele nosso compatriota e respondeu-lhe pelo seu próprio punho, dizendo que repararia a injustiça cometida, na segunda edição das «Memórias», em que faria ao Exército Português as referências merecidas. De facto, na segunda edição, publicada pouco depois, Hindenburg afirma que a retirada das tropas portuguesas se fez, depois de uma «resistência heroica» e quando já nada havia a tentar, em face da esmagadora superioridade numérica alemã. Dado o aspecto curioso de que se revestiu êste facto, foi determinado nessa altura, que passassem a figurar em todos os quartéis de Portugal, reproduções em zincogravura da carta do capitão Nuno Antunes e da resposta que Hindenburg lhe dirigiu.

Detido o avanço em La Lys, os alemães sofreram depois a ofensiva geral aliada, que os levou a pedir o armistício. A dentro das fronteiras lavrava a desordem, a fome, o desânimo. E' ainda Hindenburg, com uma visão serena e clara das coisas, que dois dias antes do armistício, diz ao Kaiser:

«Não posso tomar a responsabilidade de vêr o Imperador arrastado nas ruas de Berlim pelas tropas amotinadas e entregue como prisioneiro ao governo revolucionário. Nessas condições, devo aconselhar Vossa Majestade a depôr a coroa e a ir para a Holanda. A rebelião, concluiu Hindenburg, alcançou as tropas do quartel general e Vossa Majestade não se encontra segura, em parte nenhuma, nem mesmo no quartel general da Spa».

e prestigioso soldado encarou a situação e tomou as suas decisões.

Depois foi a acção formidável de Hindenburg á frente dos soldados da Alemanha, na luta pela supremacia teutónica. Novas potências surgiram na refrega, complicando a situação da Alemanha. As operações desenrolavam-se numa frente extensíssima e Hindenburg acompanhava-as «de visu», momento a momento. A sua personalidade, que o definia a princípio como homem de gabinete, transformou-se mais tarde e Hindenburg fez-se também um grande general de campo.

A meio da guerra o seu prestígio era ainda enorme. Um jornalista francês falando de Hindenburg a Foch, marechal de França, obteve porém a seguinte resposta:

— Hindenburg? Sim, tem muito boa figura...

Foch não deixava de reconhecer intimamente o valor militar de Hindenburg, mas não era de boa política dizê-lo pelo menos naquele momento.

Depois de falhada a tentativa de mediação com os americanos e quando a Alemanha se lançou ferozmente na campanha submarina,

O marechal saindo do colégio eleitoral de Berlim, onde deixou a sua lista nas primeiras eleições depois do advento do nazismo





Hindenburg falando a um veterano do exército alemão, numa festa de homenagem cívica à vitória

Guilherme II compreendeu o momento e balbuciou estas palavras:

"Pois bem, se é assim resigno-me. Consinto em ir para a Holanda, amanhã de manhã. Se não estou aqui seguro, avisem os meus ajudantes para que eles preparem uma escolta de tropas leais e bem municidas."

Era o fim! A 11 de Novembro de 1918, depois desta cena dramática, assinava-se o armistício e o Kaiser estava já fóra do território alemão.

Mais tarde, Hindenburg escrevia a Guilherme II, em 1922:

"Tomo para mim a inteira e plena responsabilidade da decisão tomada nesse dia fatal de 9 de Novembro de 1918, de acordo com todos os conselheiros de V. Majestade quando convidei V. Majestade a retirar-se para o estrangeiro. Como já anteriormente declarei tinha razões para re-

A família do falecido presidente do Reich, quando terminou o seu curso



oposição. De certo modo, a votação neste homem, cujo desvairamento mais

tarde se revelou, não deixou de demonstrar o estado de espírito, de perfeita desorientação, de um povo vencido.

A crise alemã, económica e comercial, manteve-se no regime hitleriano e Hindenburg assistia desolado a uma política, ao mesmo tempo de violências perniciosas e de estagnação improdutiva.

cear que V. Majestade fosse levado pelos amotinados e entregue aos inimigos do interior ou do exterior. Era preciso poupar à Pátria um tal opróbrio, uma tal vergonha. Por isso nas palavras que proferi em 9 de Novembro, em nome de todos nós, perconisei a retirada para a Holanda como solução extrema e que então considerava transitória. Ainda hoje considero que a minha proposta era perfeitamente justificada."

Passaram-se alguns anos e em 1925, Hindenburg, velho monárquico aceitava a Presidência da República alemã, numa hora grave para a reconstrução da sua pátria. Novas horas difíceis lhe estavam reservadas. Novos problemas, não menos graves do que os de outrora, teria a resolver.

Respeitador do sufrágio popular, o marechal-presidente viu-se obrigado a dar o poder a Hitler, antigo pintor de cartazes em Munich, que se arvorára em chefe da

à revolta, foi assassinado com sua esposa, em casa. Hindenburg sofreu uma forte comoção com a morte trágica do seu grande amigo.

Além disso o Presidente do Reich, sabia bem, o que representava para a Alemanha a perda de um grande general, como era von Scheleicher.

Poucos dias passados sobre tão trágicos acontecimentos, o marechal presidente falecia no seu castelo de Neudeck.

A Alemanha perdia um grande soldado e um grande chefe político, mas perdia também um poderoso intérprete daquele poder moderado, que tantas vezes salvou os alemães de certos desvairamentos.

Hitler, em face da situação, preferiu



Aos 17 anos, Hindenburg era já um aluno brilhante da Escola Militar



Hindenburg passando revista aos 'Capacetes de Aço'

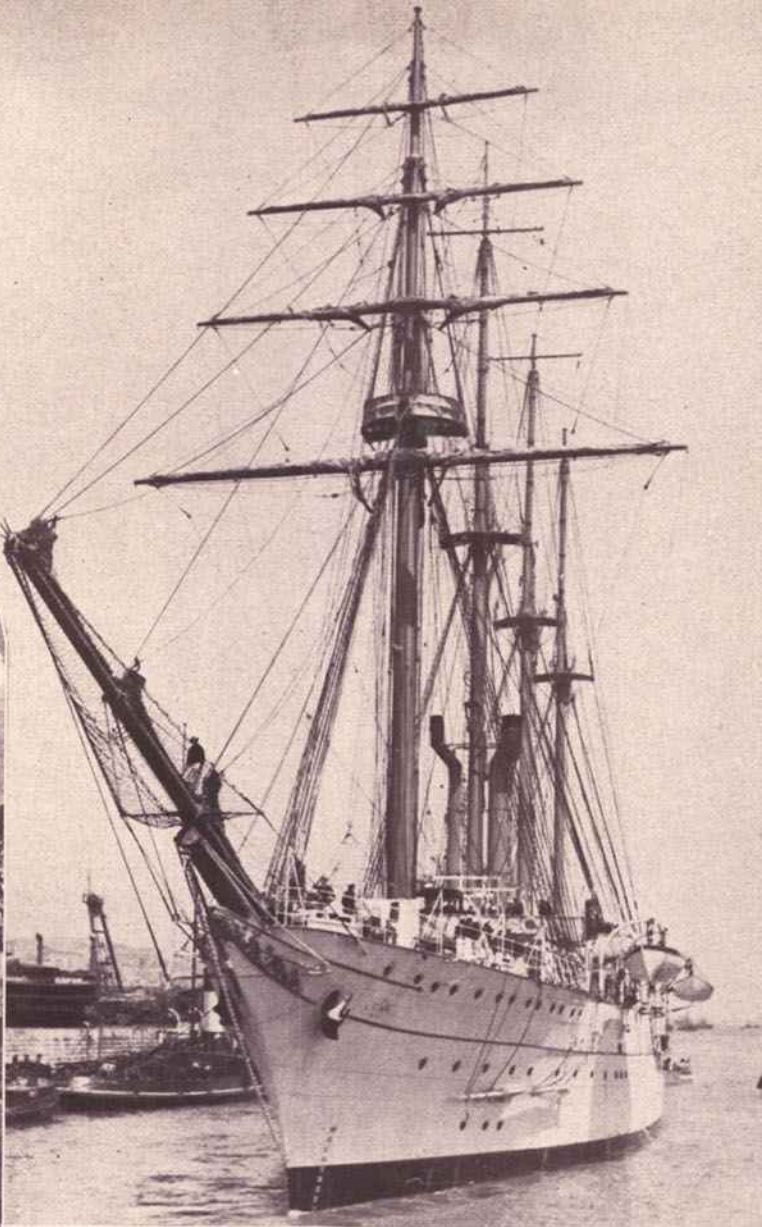
assumir a plenitude do poder, a suportar como seu superior hierárquico, alguém que, mais vigoroso do que Hindenburg estivesse um dia disposto a pôr cõbro à marcha avassaladora e incerta da onda hitleriana.

Hindenburg morreu velho, corroído por desgostos e desilusões sem número.

Ele foi em vida o mais leal e valeroso servidor da Pátria personificando bem o lêmã do hino nacional teutónico: "A Alemanha acima de tudo!"

A PASSAGEM POR LISBOA

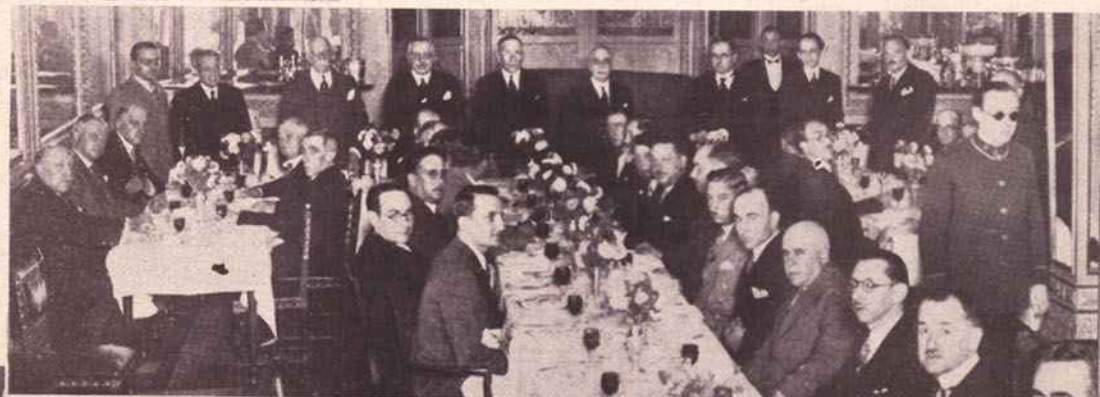
do navio-escola "Almirante Saldanha"
e do antigo chanceler sr. dr. Octávio Mangabeira



Um barco brasileiro no Tejo — Esteve durante alguns dias em Lisboa o navio-escola da armada brasileira «Almirante Saldanha» — nova unidade do Brasil acabada de construir em Inglaterra. Era portador duma saudação a Portugal e, portanto, a sua visita tinha caracter oficial. Houve festas e recepções, tendo, na véspera da partida para o seu país, os marinheiros prestado homenagem aos nossos mortos da grande guerra, depondo o comandante do quele barco, sr. capitão de fragata Silvio Noronha, um ramo de flores na base do monumento. Nessa ocasião a banda da nossa Armada executou o hino brasileiro e a banda do navio-escola «Almirante Pessanha» tocou a «Portuguesa»

O sr. dr. Octávio Mangabeira em Lisboa

— De passagem para o Brasil esteve, entre nós, o sr. dr. Octávio Mangabeira, antigo chanceler do governo brasileiro e figura de enorme prestígio — grande defensor do idioma lusitano. As nossas gravuras representam a chegada ao Rossio do eminente estadista e um aspecto do banquete, que, por iniciativa do Diário de Lisboa, se realizou em sua homenagem e ao qual assistiram altas individualidades oficiais e literárias, artistas e jornalistas





A BATALHA de Aljubarrota e o padrão do esforço da Raça

tela, casado com D. Brites, filha de Fernando I, Rei de Portugal, que esse estratégia não tinha dado o resultado pretendido, ao mesmo tempo que mandava sitiar Lisboa com uma poderosa armada, invadia o nosso país, auxiliado por alguns cismáticos nobres portugueses.

É neste gravíssimo momento, que surge, de lança em riste, a figura môça e varonil de D. Nun'Álvares Pereira, que, com mil infantas, cem besteiros e tresentas lanças, sem perda de um só homem, vence a numerosa tropa de Fernão Sanches de Tovar, Mestre e Claveiro da Ordem de Alcântara.

Desconcertado ficou o monarca espanhol com tal proeza, e, como sofrera antes já, a derrota que, em Trancoso, lhe infligira Martim da Cunha — acção em que a lenda diz ter-se visto, a pelejar, pelos nossos, com lança e adarga, sobre um cavalo branco, o evangelista S. Marcos — resolveu levantar o cerco a Lisboa, e, vencido e humilhado, retirou em seguida do Tejo.

Foi só então que, nas Côrtes de Coimbra, se realizou o coroamento do Mestre de Aviz, como havia sustentado nos Três Estados do Reino,

o notável homem de leis, João das Regras, discípulo do famoso doutor Bartholo, catedrático da Universi-

dade de Bolonha, e que está sepulto no antigo Convento dos Padres de S. Domingos, em Benfica.

A-pesar de ter sofrido tão duros desaires, não quiz o Rei de Castela refrear os

seus ímpetos agressivos, e, ao som dos instrumentos de guerra, eis que, em atitude provocante, nos surge de novo, o maquiavélico espectro dêsse ambicioso monarca, postando-se no campo de Aljubarrota, e nêle alinhando os trinta mil homens do seu exército, que mercê dos numerosos infantas e gente de cavalo e pesados trons e bombardas — peças até então desconhecidas —, ocupam facilmente esse campo dos termos de Ourem e de Alcobaça.

A postos e aprestes estavam já os portugueses — que só anciavam o momento de, sob a protecção de S. Jorge, acabado de escolher para seu patrão, lutarem em defeza da Pátria — quando D. Nuno vendo que os inimigos se moviam, voltando-se para os seus soldados, por esta maneira lhes falou: — “Eia, amigos!... É chegada a hora de levantarmos a cabeça, que se aproxima o momento da nossa redenção. Movámo-nos, mas tão vagarosos que, a cada passo, firmemos o pé e apertemos o punho, por forma que pareçam as vossas lanças estarem pregadas aos braços, e vós e as armas se tornem um corpo indiviso. Não vos espantem aqueles gritos, que são ar que leva o vento. Eu estou lendo a vitória nos vossos semblantes. O dia é nosso, e bem nosso, por ser a véspera da Assunção de Maria, nossa Protectora. A êles pois, amigos; e em quanto houver mãos para matar, ninguém as ocupe em prender.”

Por sua vez, o Rei, já aprumado no seu pôsto, dizia: — “Aí vem a multidão a encontrar o seu destroço nas nossas espadas. Animo, meus soldados, que hoje triunfa a Igreja Santa; hoje se redime o nosso Reino; hoje é o dia da nossa liberdade. O vencimento é certo, porque Deus está comnosco. Esse Deus que

A pós o gesto redentor do Mestre de Aviz que, para sempre prostára o odioso Conde de Andeiro, valido e confidente da escandalosa Dona Leonor Teles, então Regente do Reino, foi esse infante afeiçoado do povo, proclamado defensor de Portugal, pela arraia miuda que, de tropel, invadira o Paço Real do Limoeiro, onde, ao fundo do corredor principal, jazia estatelado, o corpo inerte do aventureiro galego a quem o punhal de D. João Henriques justiça.

Principiou, desde logo, muita da nossa nobresa, partidária de D. Brites, rainha de Castela, a forjar e fazer correr a atoarda de que, a êsse estimado príncipe, só corria sangue plebeu; porém, o povinho, não a acreditava, pois bem sabia ser D. João, filho da fidalga senhora da Galisa, Dona Teresa de Lourenço que, a D. Pedro I, muito em segredo amára, e depressa se convenceu que essa falsidade somente aos castelhanos interessava, para assim melhor poderem usurpar a terra portuguesa, e, vendo D. João I, Rei de Cas-

Nun'Alvares Pereira.
— Quadro de Luciano Freire, existente no Museu de Artilharia, de Lisboa

A Batalha de Aljubarrota, segundo uma gravura existente no «British Museum», de Londres.





Uma visita de D. João I ao Mosteiro da Batalha. — (Desenho de Manuel de Macêdo)

aqui nos trouxe a todos sem temor, nos ha-de dar a vitória com prazer. Segui o vosso Rei, que vos ha-de acompanhar no perigo e na glória, para supremo orgulho seu e da sua Nacionalidade!.

Na vanguarda da linha portuguesa, distinguia-se a figura magestosa de D. João I, que, de rico arnez e brasonado elmo, se fazia acompanhar dos mais nobres cavaleiros e do seu alferes-mór que, galhardamente empunhava o já glorioso estandarte real, e, no meio da coluna, alegre e sorridente, por se ir dar início à batalha, lá estava D. Nuno, de peito de aço e gibão de ilhós, gracejando com a gineteira rapaziada de Mem Rodrigues de Vasconcelos e de Antão de Almada, que comandavam as tão ruidosas Alas dos Namorados e da Madressilva, e que, segundo escreve Rui de Pina, na sua crónica, "andava, quasi no principio da real batalha, na charneca de Aljubarrota, em cima de um poderoso cavallo, com o elmo alevantado, correndo todo o campo portuguez, com a lança traçada na mão e o escudo no braço, por extremo muy fermoso e alegre, porque a fermosura dos homens na milícia, se vê por quem muito também fermeoseam as armas do varão nobre."

"Deu sinal a trombeta castelhana, horrendo, fero, ingente e temeroso," e logo seguido, das alas, da gente moça, de Mem Rodrigues de Vasconcelos e de Antão Vaz de Almada, parte à briga o nosso D. Nuno que, à lançada, rompe a linha castelhana e nela se interna. A seguir, pelas mesmas peugadas, D. João, com o grosso da coluna, aproveitando essa brexa, embrenha-se de arremetida pelo meio do inimigo, e, tanto batalharam os seis mil e quinhentos portugueses."

Nesse dia de sol abrazador, abandonando no campo de batalha, os ensanguentados corpos da mais alta fidalguia de Castela, de Aragão, da Galiza, de Navarra, de Leão e até de Portugal, pois, como canta os Lusíadas, "também dos portugueses alguns traidores houve algumas vezes", teve o Rei de Espanha de fugir, desordenadamente, por entre os cadáveres dos dez mil castelhanos e dos cento e cinquenta lusitanos, mortos nessa batalha, abandonando, com a pressa da fuga, dentro da sua sumptuosa tenda de

campanha, o seu valioso sceptro real, trabalhado em finíssimo ouro, como os dos reis D. Diniz e D. João III, extraído das areias do Tejo, e a sagrada relíquia do Santo Lenho, que troussera da Catedral de Burgos, e que depois se deu a D. Nuno, para a colocar no Mosteiro de Nossa Senhora do Vencimento que mandára erigir, em Lisboa, na eminência da Santíssima Trindade ou do Carmo.

Também as matronas lusitanas partilharam dessa vitória alcançada a 14 de Agosto de 1385, e três houve que de tódas se salientaram: a primeira, Brites de Almeida, a célebre padeira que à

pàsada matou sete castelhanos, escondidos no seu forno; a segunda, Maria de Sousa, que salvou D. João I, derrubando à partasana, a D. Alvaro Pereira, irmão de D. Nuno, que, como partidário de Castela, com um golpe de maço, pretendia ferir el-rei; e, finalmente, a terceira, Joana Fernandes, que, com água a ferver e à pedrada, foi um constante e verdadeiro azorrague para os espanhois.

Por empenho do rei vitorioso, "deliberou o Real Senado de Lisboa, por um assento que nele se tomou, que todos os, anos, no dia do aniversário da batalha se fizesse uma procissão solene, em que se repetissem as acções de graças a Deus e a Maria Santíssima, por tantos benefícios que a sua piedade derramára sobre a Nação Portuguesa, ameaçada de um duro cativo; o mesmo ordenou em louvor dos Santos Vicente e Jorge, o primeiro, patrono da Cidade da Côrte, o segundo, o grito de guerra dos Portuguezes, e o advogado das suas Armas."

"Este costume pio teve observância pontual, até ao tempo da intrusão dos Felipes de Castela, que o tiveram sessenta anos abolido; mas, ressuscitando o Reino na pessoa de D. João IV, em 1640, êle tornou a reviver e a continuar com o mesmo fervor primitivo", até que, com o triunfo constitucionalista, irreverente, demagogo e intolerante, desapareceu por completo, essa secular comemoração de um dos factos mais memoráveis da nossa brilhantíssima História.

No dia triste de 1 de Novembro de 1431, tangia melancolicamente a defuntos, o sino grande da torre do Carmo, era por haver morrido no seu mosteiro, aquele formidável batalhador de Aljubarrota, Atoleiro e Valverde que, após ter dado os seus avultados bens aos parentes, aos pobres e aos criados, trocou o arnez de glorioso guerreiro pelo humilde burel de donato carmelitano, e os títulos de Grande Condestável do Reino, mordomo-Mór de El-Rei, Duque de Barcelos, Conde de Ourem e

de Arraiolos, marquês de Valença e Senhor donatário de Guimarães, Ponte de Lima, Valença, Chaves, Vila-Real, Atouguia, Bragança e tantas outras terras portuguesas, pelo simples nome de Frei Nuno de Santa Maria.

Uns dois anos depois do falecimento desse símbolo da intagibilidade da Pátria, em dia que Lisboa mergulhou nas trevas de um tenebroso eclipse do sol, não se comemorou o quarenta e oito aniversário da vitória de Aljubarrota, pois se pranteava a perca do Rei de Boa Memória, cujo corpo, por entre prantos e lamentos do povo, foi levado para a Sé Catedral, onde se conservou até 25 de Outubro de 1433, data em que, num magnificante carro triunfal, seguido de seus filhos, dos Prelados do Reino, dos Grandes da Côrte e de muito poviléu, como estipulára no testamento, foi transladada para o seu querido Mosteiro da Batalha.

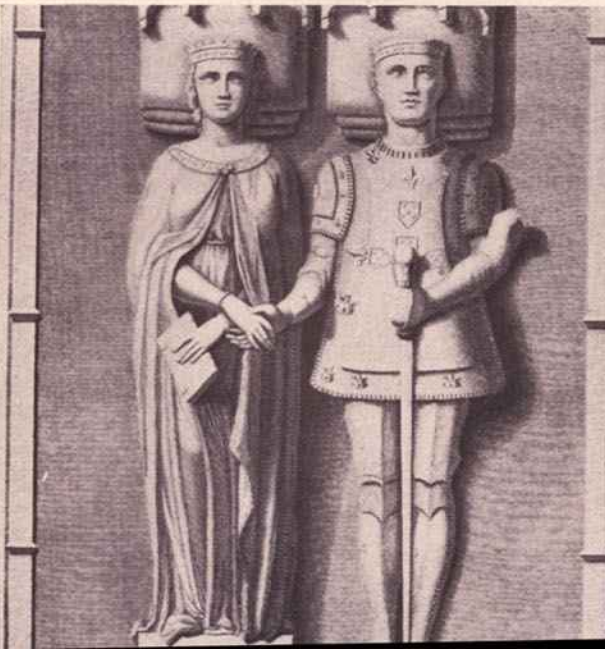
Acaso não conheceis o mosteiro da a Batalha? . . . Eu vo-lo sintetiso!

A Batalha é a promessa a Nossa Senhora da Vitória, pelo triunfo alcançado sobre os castelhanos, cumprida, próximo do campo glorioso de Aljubarrota, por D. João I, o conquistador de Ceuta que, ao lado da esposa, dos filhos, de D. Afonso V e sua mulher, e D. João II e seu filho, repousa neste padrão da liberdade da Pátria!

A Batalha é o monumento cinzelado em flamegante gótico, que o engenho e a arte de Afonso Domingos, Huguet, João de Castilho e outros mestres de pedraria, tornaram tão excelente, que o Cardial Vicente Justiniano, ao haver contemplado as suas fachadas, as suas naves, os seus claustros, as suas capelas e o seu capítulo — hoje sepulcro do soldado desconhecido —, exclamou: Vidimus alterum Salomonio templum — vimos um outro templo de Salomão!

A Batalha é o marco sintético do Esforço da Raça, em que Duarte I, Afonso V, Manuel I e João III, acrescentaram primores às maravilhas do seu fundador; e a obra sublime que, invocando a valentia de um Rei, a bravura de um Condestável, o heroísmo de um Povo, nos arranca do coração êste grito vibrante: **VIVA PORTUGAL!**

E. Raposo Botelho.



Estátuas tumbais de D. João I e da rainha D. Felipa no Mosteiro da Batalha

O DESPORTO E A MULHER

e a visita das raparigas espanholas

A visita a Lisboa das raparigas espanholas que faziam parte da equipe universitária, deu ao tímido e atrasado meio português uma excelente lição de modernismo e elegante desembaraço.

O problema desportivo da mulher apresenta-se no nosso país ainda por formular, e os raros ensaios no campo da natação ou na prática do tennis, não podem considerar-se como tentativa, sequer, de solução verdadeira.

Em Portugal, infelizmente, predominam ainda velhos preconceitos que se opõem à divulgação da mais elementar educação física feminina e, com mais forte razão, do desporto.

No entanto, se olharmos a situação com espírito claro, não nos será difícil compreender que o tão anunciado propósito de rejuvenescimento, ao qual melhor se deveria chamar revigoração, da raça portuguesa, não é viável com soluções unilaterais, sendo igualmente indispensáveis à sua solução a cultura física do homem e da mulher. Pais robustos e mães sãs.

A mulher deve entregar-se à prática regular do desporto, — de certos desportos —, como complemento natural da sua educação física elementar, porque assim procedendo, apenas alcançará vantagens; se a mulher portuguesa, escrava de tradicionais hábitos sedentários, tem escrúpulos em seguir essa orientação, é indispensável demonstrar-lhe com argumentos seguros que a isso a conduzem os seus deveres de futura mãe e de patriota.

De um modo geral pode afirmar-se que a nossa mulher, seguindo a inércia dos hábitos musulmanos que tão poderosa influência deixaram no carácter nacional, não aprecia o desporto; quando o aceita é como um ditame da moda, um passatempo sem responsabilidades, cujos benefícios desconhece, e quasi nunca no seu verdadeiro sentido, pratica fundamentalmente higiénica e, às vezes, de acção terapêutica, onde vai colher saúde e beleza, as duas grandes forças da sua missão social.

A mulher moderna é conduzida nas suas aspirações sociais, — sem que do facto se aperceba, — por um princípio de liberdade activa, de independência e de igualdade de direitos, cuja essência é a tradução fiel da lei da pedagogia desportiva. Não se suponha que pretendemos encaminhar a mulher para a imitação incondicional da actividade desportiva dos homens; as características sexuais são biologicamente tão diferentes que isso seria um erro funesto, pior do que a abstenção.

Durante a infância, a educação física pôde ser aplicada sem distinção de sexos, em comum e pelos mesmos exercícios, sendo até sob o ponto de vista moral, vantajosa esta convivência de rapazes e raparigas, metódicamente orientada e vigiada com cuidado; mas na adolescência e na idade adulta, a diferenciação deve ser completa, porque diferentes são também os exercícios que melhor convêm ao homem ou à mulher.

A natação, o tennis, o basket-ball, o hand-ball, a corrida, os saltos e lançamentos ligeiros, devem constituir a base da educação desportiva feminina, obedecendo sempre aos mesmos princípios de doutrina geral que a consideram como um estado superior da cultura física, espécie de escola secundária só acessível após a frequência da escola primária da gymnástica educativa.

Parece, felizmente, que a lição aproveitou e a propaganda deu resultado, pois alguns dos nossos principais clubs, o Benfica, o Sporting, o Internacional, propõem-se desenvolver as suas secções femininas, o que será sob todos os pontos de vista proveitoso desde que as senhoras praticantes não esqueçam a sua cultura física geral e elementar.

O desporto, dentro da sua missão educadora, oferece à mulher, energia, vontade e vigor para prosseguir vitoriosa na sua existência social; incute-lhe alegria e otimismo, confiança em si própria, elevando-a moralmente e aperfeiçoando-a nas suas características essen-



Esperança Requena é uma verdadeira esperança no salto em altura

ciais de graça e beleza. A mulher desportista não se viriliza; conserva toda a sua amável feminilidade, no conceito moderno duma estética racional, que exige a saúde como base da formosura.

Desta afirmação foram testemunhas as estudantes espanholas que, nas Salésias, demonstraram ao público lisboeta a beleza do atletismo feminino, quando praticado sem exageros, e com a única finalidade de proporcionar as que o praticam, um pouco de alegria num exercício salutar.

Salazar Carreira.



Margot Moles, detentora do «record» mundial feminino universitário do lançamento do disco

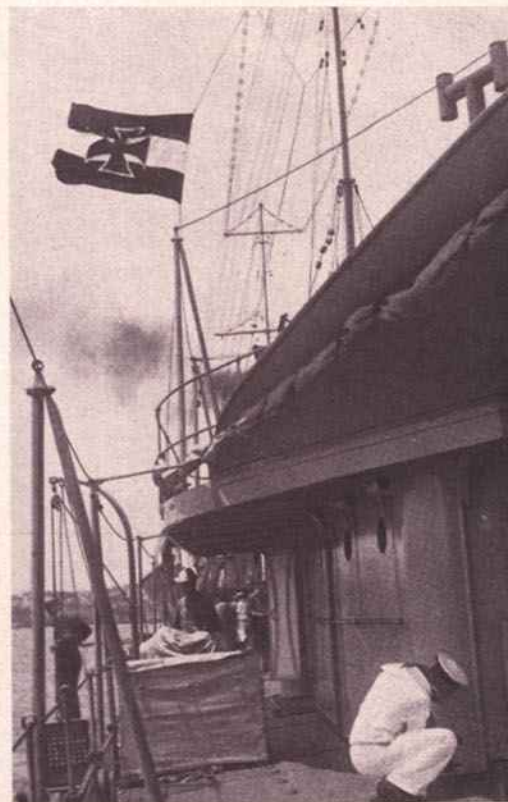


Aurora Cuartero, vencedora, nas Salésias, da corrida de velocidade

FIGURAS E FACTOS



A nova esquadra — Nos estaleiros da Sociedade de Construções Navais efectuou-se a cerimónia da cravação do primeiro rebite do novo contra-torpedeiro «Douro», feita pelo sr. ministro da marinha, na presença dos srs. engenheiros Maurice Tabar e Ogo de Medeiros, representantes da casa construtora e dos srs. engenheiro Sá Nogueira, administrador geral do Porto de Lisboa, Guilherme Pinto Basto, Eduardo Pinto Basto, engenheiro Almir Martins, comandante Azevedo Franco e 1.º tenente-engenheiro Pessoa. O «Douro», bem como o «Tejo», começado há já alguns meses, devem ser concluídos e incorporados na nova esquadra por todo o próximo ano. Na gravura vê-se o sr. comandante Mesquita Guimarães, cravando o rebite, com o auxílio do mestre Manuel Marques e de mais dois operários.



O luto na Armada pela morte de Hindenburg — No dia do funeral do Presidente do Reich — o marechal Hindenburg — os navios da nossa esquadra hastearam a bandeira «líbia» alemã a meia arábica. A gravura mostra o pavilhão germânico flutuando no mastro grande do contra-torpedeiro «Vouga». No próximo número da *Ilustração* registar-se-ão outras manifestações de homenagem ao grande cabo de guerra, tais como a sessão realizada no Clube Alemão e o serviço fúnebre que a legação da Alemanha fez celebrar na igreja presbiteriana da Estrela, ao qual assistiram o chefe do governo e muitos membros do Corpo Diplomático, além da colónia alemã, em Lisboa.



António Júlio Lopes — Para a sua 15.ª viagem de turismo, partiu, há dias, a bordo do «Niassa», o sr. António Júlio Lopes, conhecido pelos Lopes da «Vacuum». Propõe-se visitar, desta vez, toda a África Portuguesa, seguindo dali para a Austrália e Nova Zelândia, passando, com demora, pela Índia Inglesa e regressando pelo Mediterrâneo de Angola à província de Moçambique, virará em caminho de ferro para poder admirar as Cataratas Vitória Falls. Calcula estar de volta em março de 1935.



D. Ester Esaguy — Formou-se em direito a sr.ª D. Ester Esaguy — a primeira senhora judia que, entre nós, ingressa na carreira da advocacia. Tem apenas vinte anos. Em todo o curso revelou possuir grandes qualidades de inteligência e invulgaros dotes intelectuais, tendo-se destacado sempre nos exames e nas lições proferidas.

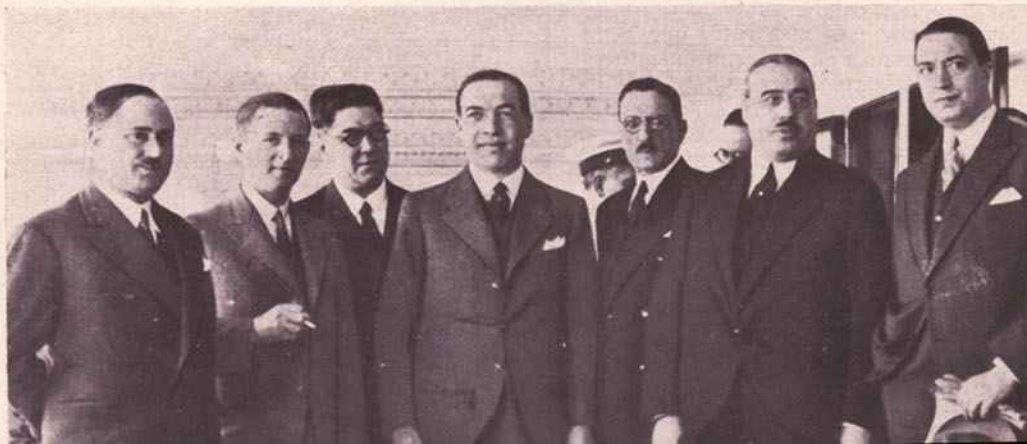


Armando de Aguiar — O jornalista Armando de Aguiar — nosso presado colaborador — fez publicar no Brasil um livro intitulado «Oliveira Salazar — o Homem e o Ditador». Descreve-se nele, com pormenores e dados curtos, o perfil e a obra do chefe do governo. Narra-se a sua vida, desde a infância, passada na Beira, depois como seminarista, perfeito professor da Universidade de Coimbra e mais tarde como ministro e presidente de governo. É um livro cheio de actualidade e de interesse. Do seu valor literário tem-se pronunciado a crítica. À *Ilustração* compete, unicamente, registar o seu aparecimento, que está obtendo um êxito de livraria invulgar pelas descrições curiosíssimas da vida do sr. dr. Oliveira Salazar, figura política em plena evidência.



Carlos Passos — A cidade do Porto — agora mais em foco pelo êxito da Exposição Colonial — tem, desde há dias, a sua história na rada, num dos volumes da «Enciclopédia pela Imagem». Assina-a o distinto arqueólogo Carlos Passos, que tem relatuado um trabalho de verdadeira vigilância, cuidado e ordenado com admiráveis gravuras. É um estudo que merece ser arquivado em todas as estantes.

D. Margarida Cenozo — Está de passagem em Lisboa a ilustre escritora italiana sr.ª D. Margarida Cenozo. É uma figura de relevo da literatura teatral no seu país e acaba de escrever uma nova obra, que na próxima época de inverno irá à cena, intitulada «Galotto fu il libro... e chi lo scrisse».



Viagem ministerial — Para o Funchal, donde seguiu para os Açores, partiu há dias, o ministro do comércio, sr. engenheiro Sebastião Ramires. Ao cair da Fundação foram apresentar-lhe cumprimentos de despedida, quasi todos os membros do governo — como se vê na gravura que abastou publicamos — e grande número de pessoas e de funcionários do seu ministério. Para gerir a sua pasta, foi nomeado interinamente, o ministro da agricultura.



AVENTURAS DE BORIS I

o pretendente ao trono de Andorra
que declarou guerra ao bispo de Urgell



ANDORRA é, como o leitor sabe, uma minúscula república encravada nos Pirinéus e sôbre a qual exercem direitos de soberania o governo francês e a Espanha, por intermédio do bispo da Sé de Urgell.

Um facto sensacional acaba de vir perturbar o viver tranquilo d'êste deminuto povo. Foi o caso que um tal barão barão de Skossyreff se apresentou publicamente como pretendente ao trono inexistente d'êste pequeno país que mal figura nos mapas.

Afirma Skossyreff que foi por mero acaso que teve conhecimento dos direitos que lhe assistiam a reinar sôbre o povo andorrano. Conheceu em Maiorca um alemão que se dedicava a estudos históricos e filatélicos. Foi êste que rebuscando nos arquivos da Sé de Urgell, descobriu que um antepassado de Skossyreff fôra príncipe de Andorra.

Verdadeira ou não, a descoberta interessou vivamente o barão e do seu entusiasmo partilhou miss Florence Marmon, uma rica norte-americana que lhe dedicava íntimo affecto. Ambos se dispuseram então a encarar como possível a realização dum belo sonho — subirem ambos os degraus dum trono e cingirem uma corôa que, nem por ser de pequenas dimensões, deixaria de ser real.

O pior foi que a França e a Espanha não se mostraram impressionadas com as pretensões do barão. Debalde êste tentou fazer valer os seus direitos. Não o escutaram.

Entretanto, o candidato ao trono de Andorra, financiado pela rica norte-americana, organizava a sua propaganda entre

o povo andorrano. Fez distribuir profusamente a sua fotografia envergando trajos regionais. Anunciou um vasto programa de reformas que, em sua opinião, fariam a felicidade dos habitantes. Numa palavra, tomou tão a sério quanto possível o seu papel de candidato a rei.

Mas, a despeito de tudo isto, os altos poderes que dirigem os destinos do povo andorrano teimavam em não conceder importância à actividade do pretendente. E foi então que êste, animado duma cólera bastante real, lançou a público um sensacional manifesto em que declarava guerra ao bispo de Urgell.

Skossyreff pretendia fazer-se coroar sob o nome de Boris I. Sonhava já decerto

com um cognome pomposo que a História registaria — o Conquistador, ou o Justiceiro. Via-se cercado por uma côrte brilhante, em pleno reino de opereta.

Afinal a sua aventura teve o mais prosaico desfecho. À semelhança do que já lhe sucedera noutros países, Boris I recebeu em Dezembro do ano findo ordem de expulsão da Espanha. Pensou decerto que a sua categoria de rei exilado o dispensava de obedecer às intimações da polícia. Por isso ficou. E com dolorosa surpresa, poucos dias após a sua retumbante declaração de guerra ao bispo de Urgell, viu-se agarrado por dois agentes, e conduzido a Madrid numa modesta carruagem de terceira classe, apesar dos seus enérgicos protestos contra essa forma insólita de se tratar um rei.

Parece que êsse facto fez ruir para sempre as suas esperanças e ilusões. O trono transformava-se num banco de réus. O sonho redundava em farsa. Mas Boris I revelou em tão triste conjuntura uma grandeza de alma digna dum soberano. Aos jornalistas que o interrogaram disse que confiava vir a cingir a corôa tarde ou cedo. E acrescentou que o fazia não por ambição, mas num rasgo de cavalheirismo, de olhos postos no superior interesse do povo andorrano.

Em todo o caso, a ordem de expulsão terá de cumprir-se. E Boris I vai percorrer o mundo, triste e ocioso, após a sua aventura.



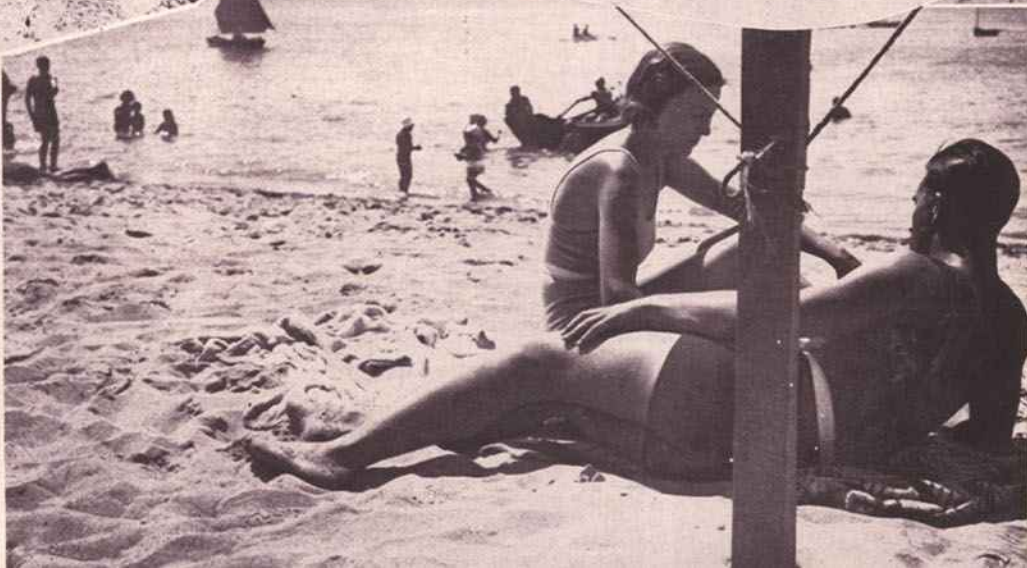
Skossyreff, que se intitula Boris I e uma vista da pequena república de Andorra

O pretendente com alguns dos jornalistas espanhóis que o entrevistaram na prisão



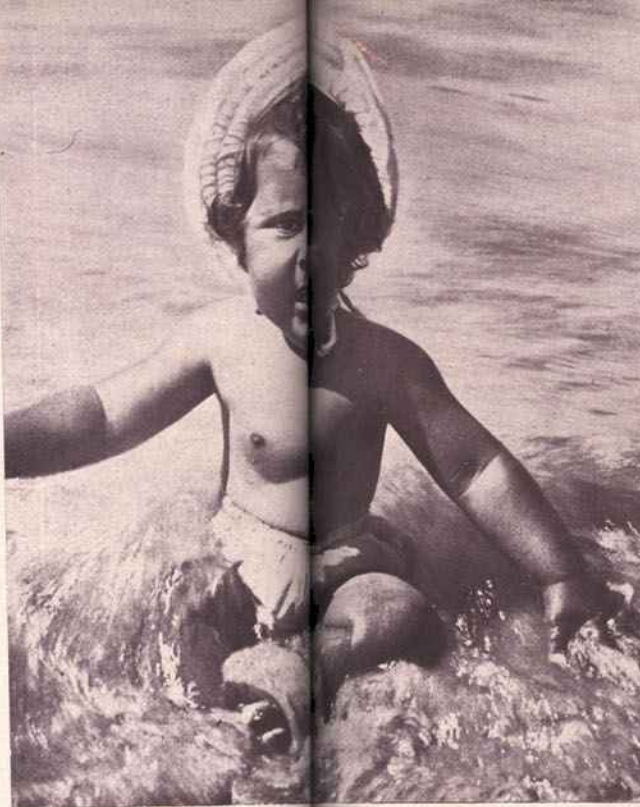
ALGUNS ASPECTOS

das praias do Estoril e Santo Amaro



A VIDA ANIMADA

das praias da Costa do Sol
nas margens acolhedoras do Atlântico



O CULTO MODERNO

do mar, da areia e do Sol
e a sua influência na vida portuguesa



Vai no auge a animação na Costa do Sol. As praias que bordam o litoral de Lisboa a Cascais regorgitam de veraneantes. E pelas tardes, quando o calor do Sol torna tépidas as águas do mar, os banhistas avançam confiantes, em chusma, ao encontro das ondas acariciantes e benévolas.

Até há poucos anos, os portugueses viveram na ignorância das belezas que tinham ao pé da porta. Foi preciso a voga do marismo — passe o neologismo antipático — para descobrirem que a dois passos da capital se estendia uma costa inundada por um Sol deslumbrante e banhada por um oceano acolhedor, sem cóleras.

Só então os pés nus dos banhistas começaram a pisar com mais segurança a areia dourada e escaldante. Veio a moda dos banhos de Sol. E a princípio com timidez, mais tarde com decisão, os corpos foram-se estendendo pelas superfícies arenosas, a absorver avidamente os raios ultra-violetas que deixam a pele tostada ao gosto do nosso tempo.

Depois o culto da praia, do mar e do Sol vulgarizou-se. Aos domingos a capital começou a despovoar-se com o êxodo das classes trabalhadoras para junto das ondas refrescantes. Ricos e humildes, *snobs* e modestos, eram poucos os que ficavam insensíveis à tentação do mar.

A partir de então, pode dizer-se que Lisboa inteira disten-



deu os músculos, respirou iodo e, sentindo-se pela primeira vez sem colarinhos de goma, sapatos de polimento e fatos escuros, deu-se em contemplar o seu próprio corpo na simplicidade quase paradisíaca do *maillot* de banho. E viu-se feia, enfezada, disforme. Veio-lhe um desejo irrepriável de ser forte e perfeita, uma ânsia enorme de beleza que resultava do seu primeiro contacto com êsses três elementos naturais — a areia, a água e a luz.

E o seu anseio não foi vão. Modernizou-se no trajar e no sentir. Começou a cultivar a sua beleza, dando expansão ao sentido estético que uma moral rígida e angulosa atrofiara de maneira lamentável.

As gerações que se preparam agora para a vida são já as gerações da praia, educadas no convívio com as ondas e na admiração da perfeição física, sem malícias nem pisar de olhos. É uma mentalidade nova que se desenvolve sábia e robusta, para substituir outra, antiquada, hipócrita, doentia.

Chamemos a isto a revolução do mar. E creiam que nenhuma outra exerceu nos últimos tempos influência mais profunda na formação mental do povo português. Foi o mar que nos ensinou que o nu só é obsceno quando denuncia fraqueza e decadência e nunca quando se afirma na pujança das formas perfeitas.

(Fotos Haroldo Novais, Salgado e Valstier)



VIDA ELEGANTE

No Pôrto

Em honra do ministro das Colónias da Bélgica sr. Paul Tschoffer, ofereceu o nosso ministro das Colónias, sr. dr. Armindo Monteiro e sua esposa, a sr. D. Lúcia Infante de La Cerda Monteiro, no Pôrto, nos jardins que confinam com os do Palácio de Cristal, onde se encontra instalada a Exposição Colonial Portuguesa, uma interessante festa a que assistiram grande número de famílias da nossa primeira sociedade, tanto da capital do norte, como de Lisboa.

A festa iniciou-se pela exhibição de vários números de canto e dança pelos ranchos das «Rendilheiras do Monte», de Vila do Conde e do de «Carreços», de Viana do Castelo, com os seus trajes regionais, de cores garridas. Seguiu-se o Orfeão dos Landins, que executou vários números do seu repertório, que deixaram na selecta assistência, uma bela impressão. Antes de cantarem, os landins, fizeram várias evoluções. Apresentaram-se depois os artistas sr.^{as} D. Margarida Cambom Brandão (Conchita Ulia), nas suas canções, D. Amélia Rey Colaço, nos cantares galegos, e Estevão Amarante, que cantou vários fados e disse o monólogo os «bêbedos».

Acabado o programa deu-se começo ao baile, que foi abrilhantado pelo sexteto do teatro Gil Vicente, do Pôrto, sob a direcção do violinista António Soares, que executou um interessante programa de músicas modernas, sendo apenas interrompida por ocasião da «ceia», a qual foi servida em pequenas mesas no vasto jardim fronteiro ao palacete da sr.^a D. Sofia Frias, figura de destaque na primeira sociedade norteña, artisticamente ornamentado à portuguesa, trabalho do artista sr. José Luiz Brandão de Carvalho.

Dar uma nota da selecta assistência é tarefa difícil para um cronista mundano, contudo recorda-nos ter visto ali entre outras as seguintes senhoras:

Condessa de Monte Real e filha, condessa de Vilas Boas e filhas, condessa da Folgosa, condessa de Alpedrinha e de Vila Flor, viscondessa de Guilhomil e filha, baronesa do Seixo, D. Laura Canceia Infante de La Cerda e filha, D. Assunção Perestrelo de Matos, D. Alice Ferreira Pinto Basto, D. Maria Constança de Castelo Branco Pinto Basto e filha, D. Alá Cabral Gentil e filha, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho, D. Maria José Guedes de Albuquerque Pereira e Cáceres, D. Inês Guedes Pereira Cabral e filhas, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho e filha, D. Maria Izabel de Orey Correia de Sampaio, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Olga Ferreira Pinto de Lencastre, D. Fernanda de Magalhães e Menezes Van-Zeller, D. Josefina Pinto Meneses, D. Maria Valente Pereira Cabral e filha, D. Carlota Cirne de Vasconcelos e filha, D. Luiza Cabral Archer de Carvalho, D. Margarida Moutinho de Oliveira Mourão, D. Luiza da Fonseca Mourão, D. Estela Pinheiro Spratley, D. Raquel Vitória Pereira e Cáceres e Olazabal, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Luiza Mendôça e Olazabal e filha, senhora do coronel Namorado de Aguiar, D. Eliza Andersen Guimarães e filha, D. Gardina Andersen da Silva Leitão, D. Maria Izabel Marinho Falcão Cabral e filhas, D. Maria Helena Guedes da Silva da Fonseca e filhas, D. Maria Izabel Ortigo Barnay de Almeida Belo e filha, D. Julia Franco Bibiano, D. Maia Antónia Ramos Pinto Rosas e filhas, D. Alzira de Andrade Couto Andersen e filha, D. Izaura de Sá Pinto de Abreu Soto-Maior e filha, condessa da Bélgica, D. Eliza da Rocha Leão de Freitas, D. Alzira Pinto da Fonseca Leitão e filha, D. Ema Barjona de Bivar, D. Irene Chambers Tasso de Sousa, D. Tereza de Orey Pinto Basto, D. Eliza Ramos Duarte Lima, D. Maria Leitão e filhas, D. Cândida de Sá e Melo Pacheco Moreira e filha, D. Maria Luiza Mourão Viegas, D. Maria da Assunção Calheiros Romero, D. Maria José Bastos, D. Maria de Melo Breyner Andersen e filha, D. Maria da Conceição de Melo Breyner Cabral, D. Maria Amélia Magalhães Lencastre e filha, D. Beatriz Cardoso da Fonseca e filha, D. Jesusa Gonzalez de Guimarães Pestana, D. Adelaide de Magalhães e Menezes (Vilalva), D. Maria das Dores de Abreu Malheiro, D. Maria Amélia Marinho Falcão Nunes da Ponte, D. Maria Tereza Canavarro de Almeida e Brito e neta, D. Maria do Pilar Verda de Almeida, D. Maria Manuel Cardoso Bessa da Silva Brito, D. Maria Joanna Andersen Thessen, D. Maria Andersen Chambers e filha, D. Margarida Pinto Basto de Almeida, D. Mariana Sotomaior Riccon, D. Conceição Cirne de Tavares e Távora e filhas, D. Aida Serpa Pinto Esteves de Oliveira e filhas, D. Maria Celestina Alves Machado de Oliveira, D. Alzira Cupertino de Miranda e filhas, D. Helena de Moraes Cardoso de Menezes, D. Henriqueta de Lencastre de Castro, D. Maria da Gloria Vasques de Carvalho, D. Maria Ester de Magalhães da Câmara, D. Maria da Gloria Costa Lobo Cardoso Mourão,

D. Irene Assunção Lambertini de Magalhães, D. Maria Amélia Nunes de Almeida Brandão de Carvalho, D. Assunção Michon de Oliveira Mourão, D. Maria da Conceição Calbral Barbosa e filha, D. Maria Emilia Pintel de Castro Lopes, D. Cornelia Futão de Antas Pereira Salgado, D. Helena Maia Mendes, D. Tereza Ortigo Esperqueira, D. Maria de Lourdes de Castelo Branco de Azevedo e filha, D. Luiza Rebelo Carvalho Meneses, D. Maria Luiza Otolini da Rocha e Melo, D. Maria Otolini Joyce Diniz, D. Maria Emilia Córte Real Nunes da Ponte, D. Olga Andresen de Almeida, D. Maria José Lobo Machado Tavares e Távora e filha, D. Rita Barros e Sá Contreras, D. Ruth Jennings e filha, D. Julia Abecassis Scruya, D. Antónia de Castro Gonçalves e filha, D. Maria de Lourdes de Menezes Pinto Machado, D. Amélia de Guimarães Prado e filha, D. Alice de Sá Pires de Lima e filha, D. Maria do Cen Villar de Almeida Fernandes, D. Maria Angélica Magalhães e filha, D. Amélia Maria Nunes da Silva Torres e filha, D. Luiza Maria Machado Perry Vidal e filha, D. Eugenia Woodhouse de Serpa Ferreira e filha, D. Georgina Borges dos Santos e filhas, D. Maria José Vilas Boas de Pita e Castro, D. Maria da Assunção Pires Fernandes Borges e filha, D. Maria de Castro Franco Frazão, D. Maria Eduarda Machado Correia de Barros e filhas, D. Teodora Andersen de Abreu, D. Maria Manuela Tudeia Nogueira Pinto, D. Cecília de Carvalho Alves Homem de Almeida, D. Noemia dos Santos Monteiro Córte-Real, D. Gabriela Pinto da Fonseca de Sá, D. Maria Carolina de Castro Monteiro de Carvalho, D. Maria da Silva Monteiro Teixeira Bastos, D. Maria do Carmo Rebelo Valente, D. Maria Carlota Sommer Pereira Salgado, D. Maria Proas de Castro e Almeida, D. Bernardina

Amélia Crispiniano da Costa, D. Maria Santos Oliveira Belio, D. Helena e D. Madalena Moreira de Sá e Costa, D. Alice Marinho Holtzer, D. Antónia Homem de Melo, D. Maria Luiza Pizarro Guedes, D. Noemia Machado Pinto, D. Mariana Veiga Cabral, D. Inês Ventura Pinto Carneiro da Costa, D. Maria Pinto de Macedo, D. Cecilia Forbes Costa, D. Ida Reis, D. Cristina Emílio da Silva, D. Maria José Alves de Castro, D. Izabela Moreira de Sá, D. Maria Rosa Braga, D. Alice Caiaquiz de Oliveira, D. Sofia Quaresma de Matos, D. Arnalia Lima, D. Cristina Amorim, etc.

Casamentos

Na paróquia de Santo António do Estoril, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Imaculada e Camim de Lara, filha dos srs. Marquesses de Villamediana, com o capitão-aviador do exército espanhol sr. D. Justo Rodrigues Sanjurjo y Jimenez de Peña, filho da sr.^a D. Esperanza Jimenez Peña e Canell, já falecida e do general sr. Marquês do Rif, tendo servido de padrinhos a mãe da noiva e o pai do noivo. Foram testemunhas por parte da noiva os srs.: D. Javier de Camim y Lara, D. Juan de Camim y Lara, irmãos da noiva e D. José Orion de Camim Salgado, primo da noiva e por parte do noivo os srs.: Duque de la Vitória, Marquês de Luca de Tena, General Garcia de la Herran, D. Dário Lopez, D. José Cruz



Casamento da sr.^a D. Conchita Camim y Lara, filha dos srs. marquesses de Villamediana com o sr. capitão-aviador Justo Sanjurjo, filho do general Sanjurjo, realizado na igreja de Santo António, no Estoril

Braga Homem de Almeida, D. Cecília Calem Lelo, D. Maria da Gloria de Castro Lelo Ferreira, D. Maria Manuel Toledo Nogueira Pinto, D. Julia do Amaral Barata, D. Suzana Andersen da Costa, D. Vera Caldeira (Borralha), D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães, D. Maria Luiza e D. Fernanda de Velasco Guimarães, D. Maria Helena e D. Maria Carmo Caroso de Orey, D. Maria Luiza e D. Maria Izabel Cabral, D. Maria de Lourdes e D. Maria José Woodhouse Kendall, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Estarreja), D. Eugénia Franco Frazão (Penha Garcia), D. Amélia Rey Colaço Robles Monteiro, D. Margarida Cambom Brandão, D. Maria da Conceição de Castro, D. Marcela Berneac Cuiola, D. Maria do Carmo Rebelo Valente, D. Julia de Melo Sampaio (Pombeiro), D. Maria José Guedes de Amorim, D. Maria José Pereira Machado de Castro Pamplona (Rescende), D. Maria Regina Correia de Serpa Pinto, D. Maria Tereza Lobo Nunes de Matos, D. Maria Izabel Alves Machado, D. Mariana Pinto Coelho, D. Maria Emilia de Magalhães Brito, D. Maria Izabel Nunes de Almeida, D. Maria Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Beatriz e D. Ema da Rocha Leão, D. Valentina e D. Maria da Assunção Bastos do Amaral, D. Maria José Pereira Machado de Castro Mancelos, D. Maria do Carmo Martins de Macedo, D. Maria Helena Pires de Lima, D. Maria Helena da Cunha Pimentel Homem de Melo, D. Maria Emilia Pinto dos Santos, D. Maria Beatriz Menezes Correia Barbosa, D. Fernanda de Paiva Leite Brandão, D. Dulce de Carvalho Magalhães Moreira de Sá, D. Joana da Silva Lambertini de Magalhães, D. Felicidade Moreira de Sá, D. Maria Adelaide Meirles, D. Maria Beatriz Fonseca, D. Maria de Moraes, D. Maria José, D. Fernanda e D. Helena Pinto da Fonseca de Brito (Ermidã), D. Maria Tereza da Cunha, D. Maria da Natividade Perestrelo Guimarães, D. Amélia e D. Maria Angelina Esperqueira Mendes, D. Maria Luiza Correia de Barros Costa Lobo Cardoso, D. Maria Adelia Barbot Pires de Lima, D. Gabriela Pereira Cantarino, D. Maria

Conde, D. Ricardo Goizueta, D. Luiz Arana, D. José Viudez, tenente coronel Martin Alonso e tenente coronel Esteban Infantes. Celebrou o acto religioso, o prior da freguesia, Monsenhor António José Moita, que no fim da missa fez uma brilhante alocução em espanhol. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção. Terminada a cerimónia foi oferecido pelo pai do noivo, no Hotel Miramar no Monte Estoril, onde se encontra hospedado, um almoço. Os noivos partiram depois para uma digressão por Portugal, seguindo de ali para o estrangeiro.

Na assistência à cerimónia viam-se entre outras as seguintes pessoas:

Ministro do Uruguay, duquesa de la Vitória, marquesses de Villamediana e filha, marquesses do Rif e filho, marquês de la Conquista, marquês de Vega Caccillo, marquês de Luna de Tena, marquês de Castro Novo, marquês de Orablana, conde de Haro, visconde de Santarem, general Garcia de la Herrán, tenente-coronel Martin Alonso e esposa, tenente-coronel Esteban Infantes e esposa, comandante Batalha e esposa, senhora Viúva de Lombille, capitão Cabanias e esposa, tenente Mário Carvalho Nunes e esposa, dr. Alberto Madureira e esposa, D. Dário Lopez, D. José Cruz Conde, senhora de Sainz Rodriguez e filha, D. Ricardo Goizueta, senhora de Alvarez, D. Luiz Arana, senhora de Fernandez de la Puente, D. Rosário Sanjurjo, D. Josefina Burnay Rugeroni, senhora de Posser de Andrade, D. Juan de Camim y Lara, D. Javier Camim y Lara, D. José Orion Camim Salgado, senhora de Rosales, D. José Viudez, D. Joaquim Gonzado, D. Maria Isabel Caimara Assis, D. Jaime Milão del Bosch, D. Narciso Lóizgorri, D. Luiz Pelaez, D. Gerardo Liblie, etc.

D. Nuno



A quinzena desportiva



A VII PEQUENA TRAVESSIA DE LISBOA A NADO. — Entre o Terreiro do Paço e a praia de Pedrouços, disputou-se, no domingo 5, pela sétima vez, a Pequena Travessia de Lisboa a nado. A classificação geral foi a seguinte:

- 1.º, Alberto Azinhais dos Santos, do Algés, em 1 h. 52 m. 41 s. 2/5.
- 2.º, Delfim da Cunha, do Belenenses, em 1 h. 57 m. 6 s. 1/5.
- 3.º, José de Freitas, do Algés, em 2 h. 3 m. 11 s. 4/5.
- 4.º, Floriano da Silva Ramos, do Carcavelinhos, em 2 h. 3 m. 23 s. 1/5.
- 5.º, Artur Fernandes, do Carcavelinhos, em 2 h. 4 m. 39 s. 2/5.
- 6.º, Silvína Vieira Alves, do Algés, em 2 h. 7 m. 46 s. 2/5.
- 7.º, Sérgio Conde Ribeiro, do Pedrouços, em 2 h. 9 m. 1 s. 1/5.
- 8.º, Luiz Carlos Reis, do Belenenses, em 2 h. 9 m. 24 s.
- 9.º, Fernando Pereira Leal, do Nacional, em 2 h. 9 m. 50 s. 3/5.
- 10.º, Eduardo Mannaes, do Algés, em 2 h. 11 m. 14 s. 2/5.
- 11.º, João do Carmo Goinhas, do Pedrouços, em 2 h. 15 m. 4 s. 1/5.
- 12.º, João da Silva Marques, do Club Naval de Lisboa, em 2 h. 51 m. 23 s. 3/5.
- 13.º, Maria Amália Martins, do Nacional, em 2 h. 57 m. 7 s. 3/5.
- 14.º, António Lopes, do Pedrouços, em 3 h. 23 s. 1/5.

Na gravura do alto da página vêem-se os concorrentes no Terreiro do Paço, minutos antes da largada; à direita, os corredores Azinhais dos Santos, vencedor da travessia e Silvína Vieira Alves, que chegou em 6.º lugar e à esquerda, Maria Amália Martins, que se classificou em 13.º lugar, com meia hora de avanço sobre o último. A prova foi organizada pelo S. C. Pedrouços, sob o patrocínio de «Os Sports» e foi assistida por milhares de pessoas, quer à beira-mar, quer no mar. O vencedor da prova chegou à meta com cinco minutos de avanço sobre o segundo, o que marca a superioridade do corredor do popular clube de Algés.



O XII PORTO-LISBOA EM BICICLETA. — No dia 5 efectuou-se a corrida ciclista Porto-Lisboa. Despertou enorme interesse. A ordem da chegada foi a seguinte: José Maria Nicolau (Benfica) em 11 h. 43 m. 46 s. e 3/5 e Alfredo Trindade (Sporting), mesmo tempo, diferença de meia roda. Os dois populares corredores, que vieram quasi sempre a par, ao entrarem na pista, foram delirantemente aclamados. As nossas gravuras representam a largada da capital do norte e a chegada dos dois corredores ao Estádio.



O poeta espanhol Manuel de Góngorre

PORTUGAL está em maré de sorte e de rosas. Está sendo o menino mimado da mãe Europa, o seu "ai, Jesus".

É, que a pesar de tão velhinho e usado, êle guarda em si fortes mananciais de juventude e de energia que constantemente renovam a sua pujança e o seu poder de encantamento, de tal sorte que outros mais moços do que êle e mais bonitos por fora não lhe põem o pé adiante, e tornou-se, sem receio de competências, no preferido das damas suas parceiras na carta geográfica.

Antigamente havia a mania de considerar Portugal território espanhol.

De França, por exemplo, chegavam cartas que traziam no envelope a designação de Lisboa-Espanha.

Esta ignorância geográfica durou bastante tempo, porque Portugal então era muito senhor de suas glórias, muito orgulhoso e desprezava os reclames, querendo que o conhecessem apenas pelos seus próprios méritos, sem ajudas de panegíricos. Depois, foi compreendendo que a propaganda é quasi tudo para triunfar ou, pelo menos, um impulso, e deu-se mais aos modernos processos de conquista.

A bela feição que tomou a expansão do turismo entre nós, com bem encaminhadas correntes, foi chamando à nossa terra a afluência de gente distante, e com ela foi crescendo a admiração pelas suas belezas naturais e pela intelectualidade e engenho de seus indígenas.

Hoje é coisa costumada referências nos periódicos estrangeiros aos acontecimentos intra nossos muros, e os nossos homens de ontem e de hoje são louvados, em grandes parangonas, como os nossos monumentos e os nossos pontos de vista.

Há pouco ainda, a escritora Gabriela Réval atirou para as vitrines livrescas num gesto gentilíssimo o *Encanto de Portugal*, em cujas páginas se erguem

hinos, em honra dêste abençoado torrão, berço de heróis e de poetas, onde o amor assentou arraiais e carpe no fado as suas máguas.

Agora mesmo a Espanha nos rende a mais cativante homenagem, nas laudas do *Blanco y Negro*, pela pena elegante de Blanco Belmonte, escritor de alma e de pulso.

Entrando um pouco pela história e espraçando-se pela zona perigosa da política, com cuidado e arte, o vigoroso articulista recorda as divergencias entre Portugal e o seu país e fala dos receios do iberismo, que os mais medrosos apelidavam de "perigo de Espanha".

Graças aos bons ofícios dos intelectuais das duas pátrias, Espanha e Portugal estão hoje mais perto uma da outra e afirma que apezar de suas glórias isoladas as duas nações irmãs, ligadas por comuns empreendimentos e por vitórias ganhas lado a lado, não poderão nunca separar-se inteiramente.

Sim, isso é verdade. Há laços que, embora quebrados materialmente, subsistem no espírito dos desligados.

Esses legisladores que separam afinidades e ligações velhas de séculos fazem lembrar os papás rabugentos que proíbem as filhas de continuar certo namoro.

Elas fingem que cedem, mas no seu peito a paixão arde mais intensa pelo bem vedado.

Blanco Belmonte trás a terreiro as nossas proesas históricas e põe em foco Vasco da Gama e Luiz de Camões, os mais representativos luminares da raça. E mais adiante estranha que Portugal não comemorasse ainda, em bronze ou mármore, Viriato, o aráuto da Lusitania que tem uma estátua em Zamora.

Acontece muitas vezes que qualquer país se esqueça de fazer justiça a quem tem jús ás suas homenagens.

A ideia e a intenção andam no espírito de toda a gente, mas por preguiça não se áge, a iniciativa falta ou adia-se constantemente e quando chega a consagração é tarde e a más horas, com excepção dalguns felizardos com bons amigos que não descurem a sua causa.

Assim sucedeu com Luiz de Camões e continuou sucedendo até nossos dias com quem muito fez pela pátria.

A preguiça física é mãe de todos os vícios, e a preguiça mental causa de muitas desgraças.

E não se sabe qual delas é mais nociva. A preguiça mental chama-se às vezes ingratidão.

Blanco Belmonte, passando na sua rápida e concisa resenha através dos feitos antigos dos celtas da Galiza e da Lusitânia, tece entusiásticos louvores aos homens que tomaram em suas mãos nossos destinos e confessa-

Blanco-Belmonte, escritor espanhol de nomeada

Portugal menino bonito da Europa!

-se intimamente convencido de que caminhamos para uma nova era de prosperidade e progresso.

Como se não fôsse bastante expressivo o que aí fica, *Blanco y Negro* ainda dispensa mais espaço em prol de Portugal.

Desta vez em versos inspiradíssimos, de uma rara beleza de expressão, devidos ao estro de Manuel de Góngorre, poeta de altos vãos parnasianos, glória das letras espanholas, cantando o Tejo que entorna em Portugal sangue de Espanha.

O galante ditirambo tem várias estrofes, mas esta que ofereço aos leitores da *Ilustração* chega para julgar do valor e da gentileza do seu autor:

*Ó pai Tejo, sororoso e grave,
Lírico, senhoril e aventureiro,
Que tantas coisas de poeta sabe,
Leva o cantar do hispano trovador
Ao povo da lira e da nave,
Capitão de argonautas
Que aos mapas do mundo ditou pautas.
Robusta, clara e espanhola veia
Que ao luso coração teu sangue deste,
Que a tua à sua vida tu pudeste
Amarrar com natural cadeia.
Galanteio de cristal, verso de espuma
Que de meus ibéricos resuma ...*

*"Argentada virilha,"
Que ao chopim português prende Castilha.*

Já vêem que é caso para desvanecimento, mas Portugal merece-o bem.

Regado pelo sumo precioso das cêpas vinhateiras êle não bebe de mais, não se embebeda, e basta-lhe um grãosinho na aza para, nessa deliciosa mistura de herói e D. Juan atiradiço, se tornar o galã sempre requestado, mas sempre de "pé atrás," para o que der e vier.

Ao "salvé Portugal!" de "nuestros hermanos," respondemos com um "viva Espanha!" muito cá de dentro, muito do coração.

Mercedes Blasco





A Única diferença

Para a M. L. F. de A.

O baile estava ao rubro, em pleno brilho.
— Quer dançar? — perguntêi-lhe. — Porque não?!
E no esmalte do chão,
Sôbre o ladrilho,
Fomos então unir-nos, na esperança
De sermos mais um par que dança pela dança...

E enquanto estávamos dançando,
Enlaçados,
Abraçados
(Como talvez nunca mais estaremos),
Enquanto o mundo assim me parecia
Um outro mundo, um mundo suave e brando
(Mundo de sonho aonde não mais iremos),
Você, de repente,
Deliciosamente,
Desprendendo-se um pouco, e alevantando
A voz (e, nesse instante, alevantou-se o dia!)
Entre a rir e a sorrir, como que condenando
Suaves maldades que, afinal, não fiz,
Você,

Como quando se diz o que, a sério, se não sente,
Como quando se sente o que, a brincar, se não diz,
Você, de repente,
Deliciosamente,
Disse-me: — Vê aquela repariga? Vê?
Aquele

Que está agora a dançar com aquele velho?
Pois alguém que, por certo não tem espelho,
Disse que eu sou tal qual a cara dela...
— O que é que você acha? Diga...
Não é nem minha irmã nem minha

[amiga!
Parámos de dançar. Voltei-me. Olhei-a.
Era vistosa, sim... — tôda de preto;
Mas banal, defensavelmente feia,
— Verso de pé quebrado
Ao lado
De um bom soneto.
Fixei-a ainda mais... Vi-lhe o cabelo.
Era bonito, sim... — mas enfim!
A mesma côr, é certo, o mesmo tom...
[— e, ao vê-lo,
Pensei no sol, em certa noite escura,
Tombarido, sôbre a frescura
De um jardim...
Fixei-a ainda mais, e vi-lhe a boca.
Uma aurora, sim... — côr de romã.
Mas sem o mesmo talho, a mesma an-

[cia louca,
Que eu vi, que eu admirei,
Que eu contemplei
Certa manhã!
Fixei-me ainda, e vi-lhe os braços,
[finos,
Lindos sim... — mas sem nada de es-

[pantalar.

Riam, brincavam, como dois meninos.
— Colos de cisnes (pensei logo), lassos,
Pedindo, dando abraços
Ao ar...

Mas não havia nela
— Você sabe como eu sou franco —
A graça exul, idealmente bela,
A graça espiritual do seu vestido branco...
Não havia também nela — a felicidade,
O bofo de saúde que respira
Tão bem como o seu corpo — a saudade,
O eco triunfal da minha lira!
No entanto, como o exame demorasse,
E nós já nos caçásemos de admirá-la,
Voltámos a enlaçar-nos, face a face,
E a sermos... mais um par dentro da sala!

E quando novamente entrelaçados,
Nos encontrámos, de súbito, dançando,
Novamente enlaçados,
Abraçados
(Como talvez nunca mais estaremos).
E enquanto o mundo, assim, me parecia
(Voltava a parecer-me) suave e brando
— Mundo de sonho aonde não mais iremos —
Eu, de repente,
No tom mais natural, mais inocente,
Que era um reflexo claro do vestido,
Baixinho, disse-lhe então junto ao ouvido:

— Acaso viu você, em noite mansa,
Brilhar, alta no céu, a luz do sol?
Ou teve, acaso, a divina esperança
De ouvir, cantar, de dia o rouxinol?
Tendo-me convidado a comparar,
Como é que você quer que eu a compare,
Se nela — a bem dizer — nada me enlouca,
Nada nela me abraza ou me incendeia...
— Se ela, embora linda, embora feia,
Não tem o seu cabelo, a sua boca?!
Tendo-me convidado a comparar,
Como é que você quer que eu a compare
Se tudo o que ela tem — mais não revelo! —,
Sendo um condão real que Deus lhe deu,
Sendo embora o que existe de mais belo,
É, todavia, dela... é dela e não é seu?!

Então plácida e,
Deliciosamente,
Você poisou os seus olhos nos meus olhos...
E a luz do meu olhar
Sentiu-se tropeçar
Na suavidade, sem escolhos,
Do poente dos seus olhos.
— Só então percebi, incompreensivelmente,
Nesta divina e luminosa esgrima
Com que gloriosamente,
Nos gladeámos...
Que isto de levantar os olhos para cima
— Mórmente quando os olhos são os seus olhos —
No meio de uma dança, à luz de dois abraços
(Como nós nos abraçámos
Com os nossos braços!)
É grave, é extremamente grave... Tanto,
Que logo percebi, sem mais detença,
No meio do fulgor do meu encanto,
Que entre as duas havia,
Entre a palma da glória e o facho da alegria,
Uma grande, uma enorme e colossal diferença!

Não devia dizer-lh'o... Você é casada
E eu também...
... E além
De ser pessoa grada,
Você tem filhos, ama o seu marido,
E tôda a gente sabe o que você tem
[sido...
Não devia dizer-lh'o... Mas se isso a
[desgosta,
Enfim
Lá vai... Perdô-me... (Estou nervoso,
[como vê...)
— É que ela, a outra, não gosta
Nem gostou nunca de mim...
Ao passo que eu... eu gosto imenso
[de você!

Rui de Melo.



Engelbert Dollfuss, chanceler da Austria

o seu malogro deve-se a um conjunto de circunstâncias que afastaram, por agora, um perigo terrível para a paz do mundo. Os insurrectos começaram por assaltar o posto emissor de radiofonia, tarefa fácil que lhes permitiu lançar a público a notícia falsa de que Dollfuss aceitara demitir-se e transmitir o poder a von Rintelen, elemento de confiança dos nazis.

Quasi simultaneamente outro grupo de rebeldes penetrava, servindo-se de um estratagemma, no palácio da Chancelaria e prendia os membros do governo que ali se encontravam, entre eles Dollfuss e o major Fey. Um dos conjurados feriu com dois tiros o chanceler, deixando-o em perigo de vida. Em seguida, os insurrectos prepararam-se para resistir às forças fiéis que, ao terem conhecimento do que se passava, cercaram a Chancelaria.

A primeira vista, esse punhado de homens parece animado por uma estranha loucura de suicidas. A verdade, porém, é que confiavam em que o seu gesto seria secundado por uma insurreição que não se produziu. Daí a inutilidade da sua audaciosa tentativa.

A explicação consiste talvez no facto de os nazis se terem iludido no cálculo das forças de que dispunham. Animados pelo êxito da campanha terrorista, não tiveram em conta que esse meio de luta clandestina, longe de se limitar às suas fileiras, menos numerosas do que se supõe, provinha também em grande parte da frente socialista, ainda não resignada com a sangrenta repressão do seu último movimento. Este equívoco foi fatal aos nazis. A audácia e fulminante rapidez do seu golpe não supriu a falta de ambiente entre a população.

As circunstâncias eram, de resto, menos favoráveis do que nunca. Após os trágicos morticínios de 30 de Junho na Alemanha, o prestígio da mística nacional-socialista ficou profundamente abalado aos olhos do povo austríaco. O ideal da «Anschluss» perdeu assim grande parte do seu brilho.

O apoio dispensado pela Alemanha ao movimento nacional-socialista na Austria é por

o chefe do governo austríaco com o seu colega húngaro. Gom-bor, durante uma entrevista realizada, há meses, em Viena



UM CRIME POLITICO

O assassinio de Dollfuss

vitima de manejos alemães para anexação da Austria

demais evidente. As apreensões de contrabando de explosivos pela fronteira do Tirol, e até por território suíço, a protecção dada à Legião de nazis homisados na Baviera, a violenta campanha do posto radiofónico de Munich contra o governo Dollfuss, são provas insofismáveis da intromissão do Reich na politica interna da



Dollfuss tinha grande popularidade entre o mundo feminino que reconhecera nele um chefe de rara energia

Austria. Os fins dessa politica são também evidentes. A conquista do poder em Viena pelos nazis seguir-se-ia imediatamente a anexação desse país à Alemanha. Favorecendo os manejos nacional-socialistas, os dirigentes do Terceiro Reich preparavam, portanto, a conquista indirecta dum país com sete milhões de habitantes.

Ora esta politica não é indiferente a algumas potências, entre elas a França e a Itália. A primeira receia ver aumentar o poderio da sua secular inimiga. A segunda não manifesta qualquer desejo em ter fronteiras com tão inquietante vizinho e prefere que entre ela e a Alemanha exista outra nação cuja proximidade seja mais tranquilizadora.

Por isso, o golpe de Estado nazi causou entre os antigos aliados vivas apreensões. Disposta a impedir pela força que os factos se consummassem, a Itália fez concentrar na fronteira, a curta distancia de Innsbruck, alguns destacamentos de tropas, prontas a intervir no conflito se este tomasse caracter desfavorável aos interesses italianos.

Este facto, cuja gravidade bem se avalia, teve importância decisiva na marcha dos acontecimentos. Com receio das suas consequências, a Alemanha moderou a sua politica. Opôs-se mesmo à incursão que a Legião de austríacos refugiados no seu território pretendia levar a efeito no Tirol e que não teria deixado de fazer-se se não fosse a presença das tropas italianas na fronteira.

Estes factos não bastam, porém, para isentar a Alemanha de responsabilidades sobejamente demonstradas. A attitude equívoca da sua agência oficial de informações D. N. B. foi altamente comprometedor. Outras acusações graves se fazem à Alemanha, todas tendentes a provar que Berlim teve conhecimento prévio do que se ia passar e que se tornou assim responsável no assassinio do chanceler e nos combates sangrentos que lhe sucederam em alguns pontos do país.

Com a morte de Dollfuss desaparece um dos mais enérgicos adversários do nazismo. O eminente estadista austríaco contava 41 anos de idade. Tinha uma aparência afável, jovial e exercia grande poder de sedução pessoal. Nas reuniões internacionais em que tomou parte, como a Conferência Económica Mundial, em Londres, e a assembleia da S. D. N. em Génova, conquistou gerais simpatias. Expressava-se com rara energia e manifestava intimo conhecimento de todos os problemas económicos e políticos.

Era dotado duma vasta intelligência. Filho de camponeses, foi para Viena onde cursou Direito. Estreou-se na advocacia, mas abandonou-a para ir a Berlim estudar filosofia. Quando veio a guerra alistou-se num regimento de caçadores tirolezes. Elevado ao posto de tenente, conservou-se trinta e sete meses na frente de batalha, dando provas repetidas do seu valor.

Finda a guerra voltou a Berlim para prosse-



guir os seus estudos todos.

Seguiu de perto a organização dos camponeses alemães e estudou o funcionamento dos sindicatos agrícolas da Prussia.

Quando voltou ao seu país consagrou-se à propaganda da organização agrícola. Provém daí o seu ingresso na politica. Exerceu cargos de relevo da Federação das Ligas de Lavradores da Baixa Austria. A sua actividade tornou-se tão notável que em Março de 1931, o chefe do governo, dr. Ender, confiou-lhe a pasta da Agricultura em substituição do dr. Phaler. No ministério do dr. Buresch que sucedeu a este, foi-lhe ainda atribuída a mesma pasta. Por fim, quando em Maio de 1932 surgiu nova crise politica, o presidente Miklas confiou-lhe o encargo de formar governo. Dollfuss aceitou e até Fevereiro de 1933 manteve-se no Poder com escassa maioria parlamentar. Nesta data obteve a dissolução do Congresso e a partir de então passou a governar em regime de ditadura.

Foi alvo de constantes ataques dos agrupamentos políticos das direitas e das esquerdas. A todos resistiu com notável coragem e decisão. Conseguiu o apoio do «Heimwehr», única organização capaz de assegurar a ordem, cujo chefe nomeou vice-chanceler. Empreendeu depois a reforma do Estado no sentido corporativo, inspirado directamente nos métodos italianos. A resistência encarniçada dos elementos nazis e socialistas inutilizou, porém, a obra iniciada.

Em 3 de Outubro do ano findo, um nacional-socialista atvejou-o a tiro. A bala foi attingi-lo um pouco acima do coração mas o ferimento não foi mortal. Daí por diante não deixou de receber continuas ameaças de morte. Não se deixou intimidar. Os últimos meses da sua existência, viveu-os o falecido chanceler sobre um vulcão. Só numa das viagens que efectuou a Gratz foram preparados contra elle seis atentados que apenas por uma série de acasos felizes se frustraram.

Irritados com a politica seguida pelo chanceler os socialistas austríacos prepararam uma sublevação armada que adquiriu enorme extensão. Dollfuss dirigiu a repressão que foi extraordinariamente violenta. Dela resultou a aniquilação de toda a actividade social-democrata.

A tentativa do golpe de Estado dos nazis veio pôr termo dramático à carreira agitada do estadista. O assassinio re-



AVTORI VIENNA 1934

vestiu aspectos bárbaros que provocaram fúrida indignação em todo o mundo. Gravemente ferido a tiro, Dollfuss sucumbiu após uma longa agonia por os seus executores lhe terem recusado qualquer socorro.

Entre os assaltantes da Chancelaria figurava o antigo tenente Planetta que confessou ser autor do assassinio. Julgado em tribunal marcial foi condenado à morte por enforcamento e executado duas horas depois no pátio da prisão.

Assim desapareceu um homem que, apesar de medir apenas metro e meio de altura foi geralmente considerado como «um dos maiores políticos do seu tempo».

O chanceler austríaco, ao deixar dum lado, meio de transtorno que utilizava muito frequentemente



Dollfuss entre o major Fey e o presidente Miklas

CINEMA

A SELECÇÃO dos intérpretes

Dois critérios opostos orientam, em geral, a selecção dos interpretes cinematográficos. Um deles consiste em arrancar os artistas á vida, na expressão natural da sua personalidade. O outro está na formação duma classe distinta, eivada de artificios e preconceitos. É este o último que tem predominado na indústria do cinema.

Convém esclarecer que esta expressão de arrancar os artistas á vida não deve ser tomada ao pé da letra, sem perigo de se lhe falscar o verdadeiro sentido ou de se cair num excesso cujo menor perigo é o ridículo.

Seria errado concluir que para interpretar um papel de padreiro o mais indicado seria um padreiro e assim por diante.

A diferença que pretendemos estabelecer é diversa. Dum lado está a escolha dum actor entre uma multidão de indivíduos anónimos, escolha baseada, como é natural, no conjunto de conjunto de condições físicas e recursos histrionicos. Do outro temos uma classe de pessoas, especialmente adaptadas e possuidoras de faculdades reconhecidas.

Ambos os sistemas têm vantagens e inconvenientes que em parte se anulam e compensam. Da formação duma classe especializada de interpretes pode dizer-se que oferece a conveniência de simplificar o trabalho de selecção, limitando-se a um mínimo as distribuições possíveis. Além disso, o conhecimento antecipado das suas possibilidades permite orientar com mais segurança a realização da obra.

No que se refere á escolha do artista entre um número indeterminado de indivíduos há que reconhecer que é sistema que corresponde melhor aos aspectos multiples da vida e representa, nesse sentido, um maior grau de perfeição.

Resulta daqui que este último critério imprime á arte cinematográfica mais possante originalidade e mais acentuado caracter realista. Escolhendo os seus interpretes entre a multidão, o cinema renova-se incessantemente, multiplica as oportunidades

para se revelarem valores novos, foge aos academismos, numa palavra, atin-



zer: o actor deixa de ser a matéria plástica para tomar forma definitiva. Em vez de se amoldar ao papel que há-de interpretar é este que se adapta ao seu tipo. Os exemplos deste caso são bastante numerosos para que se torne necessário referi-los.

Mas, como dissemos, é este sistema de classe que tem predominado. É não só no cinema como também no teatro.

Cabe ao cinema russo a honra de ter rompido a tradição, iniciando em moldes novos a utilização das faculdades artísticas dispersas na massa anónima dos trabalhadores. Provem, daí em grande parte, o forte caracter de originalidade das suas obras.

Ao contrário do americano, o artista russo não constitue uma casta especial. Faz parte da multidão, onde a visão experimentada do realizador o vai colhêr. Sobreleva-se durante a factura da obra e logo volta a integrar-se na massa anónima donde saiu. Regressa ás suas funções primitivas e só excepcionalmente um êxito absoluto pode impôr que continue a prestar a sua colaboração ao cinema.

A apologia deste sistema faz-se com citações dos grandes filmes russos. Ao artifício das produções norte-americanas, e até europeias, elles opõem o seu caracter mais profundamente original, a renovação incessante dos seus processos, uma aproximação maior da realidade.

Enquanto isto se faz, a indústria cinematográfica insiste em repetir até á saciedade, os mesmos galãs, ingénuos e cínicos, directamente inspirados em criações de três ou quatro artistas de renome. O personagem perde o seu caracter humano, assume aspectos de requinte grotesco. É, por uma curiosa regressão, deixa de reproduzir a vida para passar a influenciá-la. Se acontece surgir uma criação aberrante e rara, como é por exemplo a *vamp*, logo á humanidade, com o seu espirito de imitação, se dedica a copiá-la, tornando vulgar o que até aí era excepcional.

Uma observação elementar revela ainda que cada artista só pode dar fôrma superior a uma criação. Nas restantes ou repete-se ou inferioriza-se. Isto, que não é aplicável ao teatro por motivos que não cabe aqui expôr, é em cinema um facto incontestável. O exemplo de Inkijinov ilustra-o admiravelmente. Em «Tempestade na Ásia» este actor mongol atingiu as maiores culminâncias da sua arte. Deixou-se seduzir pela celebridade e accitou as ofertas tentadoras dos produtores franceses. Resultado: tem produzido uma série de filmes mediocres que nem sequer recordam a sua gloriosa criação do príncipe Timour.

ge a sua plenitude como arte viva e dinâmica.

Por outro lado, o isolamento do artista numa classe á parte conduz quasi inevitavelmente ao sistema de «vedetas» ou «estrélas», como a prática sobejamente o demonstrou. Quere di-

AO ALTO E EM BAIXO: Dna cênas do filme russo «Le vald en feu».

AO CENTRO: Jean Harlow, prototipo da «estréla» norte-americana, requintada e artificial





A Problema difícil de resolver — Só na América do Norte é que estas coisas acontecem... Uma das célebres irmãs siamesas Hilton, que se tem exibido em circos e teatros — a Violeta — está noiva de Maurício Lambert, empregado bancário. Depois de terem conseguido — julgávamos nós — o mais difícil de tudo: o consentimento da outra irmã, prepararam-se para casar. Foram de Keyser, cidade interior, a New-York, onde pensaram em se consorciar. Dois juizes negaram-lhe a autorização. Alegaram que o casamento só pode unir duas pessoas e nunca três, como seria forçoso nesse caso. As pobres raparigas e o noivo, propõem-se percorrer os tribunais americanos até encontrarem um juiz, que sem sair fóra da lei, os deixe juntar os trapinhos... ainda que seja com a inevitável presença da cunhada... embora ela esteja de costas...



Pelas sete partidas do mundo...



A 28.ª Volta à França em bicicleta — Terminou já a 28.ª Volta à França em bicicleta, que compreendeu, este ano, 23 etapas com um total de 4.363 quilômetros. Levou quatro semanas e ficou classificado em 1.º lugar o corredor francês Antonin Magne, que fez o percurso em 147 horas, 13 m e 58 s., com um avanço sobre o italiano Martano, de meia hora. A classificação internacional foi a seguinte: 1.º França; 2.º Itália; 3.º Espanha-Suíça; 4.º Alemanha e 5.º Bélgica. A França conseguiu 19 vitórias, 3 a Itália e 1 a Bélgica. A superioridade da França foi evidente. O corredor Magne conseguiu a «Camisola Amarela» no fim da 2.ª etapa e não mais a despiu até Paris.



A morte do bandido Dillinger — O famoso bandido Dillinger — O Rocabole do século xx — foi abatido a tiro pela polícia de Chicago, quando acabava de assistir a uma sessão cinematográfica. Era considerado o maior bandido norte-americano. O seu forte era assaltar bancos e, depois, por meio de cartas, zombar dos agentes policiais. Dillinger saía do cinema, acompanhado de duas senhoras, sem ter a mais leve suspeita de que o esperavam. Julga-se que houve denúncia feita por uma mulher. Teve morte quase instantânea. A polícia disparou sobre ele mais de dez tiros de pistola. Não teve tempo, sequer, de se defender.

Os reis de Inglaterra em Manchester — Afim de inaugurar a nova Biblioteca de Manchester — que possui exemplares preciosos — estiveram naquela cidade inglesa os reis de Inglaterra. O custo da Biblioteca está orçado em meio milhão de libras. A cerimônia inaugural teve grandiosidade. Assistiram todo o Corpo Diplomático acreditado em Londres e as altas individualidades civis e militares. Os soberanos foram obsequiados com um banquete, onde se fez representar tudo quanto no País de Gales se interessa pela alta cultura britânica e pelas coisas literárias.

O «tennis» dentro de água — Na Califórnia começou este ano a jogar-se um novo desporto: o «bad-minton», que é, com pequena diferença, o «tennis» jogado dentro de água. A nossa gravura representa uma fase dum encontro entre quatro gentis banhistas, que ganharam um torneio, numa das muitas piscinas daquela grande cidade norte-americana. —>





evocar perante a nossa imaginação no conjunto variado dos seus aspectos. Ao realizador resta apenas, depois disso, dar relevo aos pormenores que possam interessar o desenvolvimento da acção. Menor é, portanto, o esforço exigido à imaginação do espectador e mais nítida a imagem que lhe é sugerida.

Seria legítimo supor que, nestas condições a História tivesse torncido ao cinema motivos numerosos para a realização de obras superiores. Não sucedeu, porém, assim. E uma análise do que se tem feito levamos a de-

Henrique VIII, segundo o quadro de Holbeim e interpretado por Charles Laughton



Dador a primeira fase da sua existência, o cinema tem buscado o assunto para as suas produções na evocação das grandes figuras e dos episódios notáveis da História. Era natural que assim acontecesse dado que esta lhe oferecia motivos abundantes e variados para a composição de imagens e ainda porque a literatura o precedera já nesse caminho, desenvolvendo no público o gosto pelas narrativas do passado.

Acresce a isto que o espectáculo cinematográfico reúne maiores condições que qualquer outro para este género de reconstituições. A própria natureza das suas imagens claro-escuras parece indicada para ressuscitar tempos passados e dar vida a seres desaparecidos. A convenção cénica e o artifício do espectáculo são no cinema menos grosseiros e palpáveis que no teatro. O *écran* toma aspectos dum mundo diverso, caprituzado e liberto da matéria, e como tal não desperta no espectador a noção do positivo. Numa palavra, o cinema reproduz o ambiente de sonho que convém à evocação da História.

Ilá que tomar também em linha de conta o poder de síntese das imagens de cinema. Nesse ponto a superioridade do cinema sobre os outros meios de expressão é manifesta. Onde seriam precisas páginas e páginas para descrever o ambiente dum circo romano ou dum salão de Renascença, uma única imagem basta para o

Ana de Cleves vista por Holbeim e interpretada pela actriz Elsa Lancaster



soladora conclusão que os filmes históricos têm, pelo contrário, contribuído para o abaixamento do nível intelectual da sétima arte.

A principal razão d'este facto está na falta de escrúpulos dos realizadores. A maioria dos filmes que se arrojam a designação de históricos são produzidos sem qualquer cuidado de investigação. Noutros ainda, e muitos numerosos, a verdade dos factos é voluntariamente falsçada.

Para assim procederem, os realizadores invocam a necessidade de adaptar o assunto ao gosto das plateias. É baseado nesse princípio condenável, não hesitam em alterar episódios da História a ponto de os tornarem irreconhecíveis ou em modificar a marcha real dos acontecimentos, ao capricho das suas concepções pessoais. Esta falta de probidade

tem exercido, como é natural, pernicioso acção na cultura do público e na evolução da arte cinematográfica. E o que se torna paradoxal para o espectador ou para o crítico que não se conformam com tais processos é o facto

IMAGENS DE TEMPOS IDOS

As grandes figuras da História mundial interpretadas pelos artistas de cinema

dessas deformações terem, quasi sempre, menos beleza e emoção que os episódios em que se inspiraram.

Os exemplos a citar em comprovação do que afirmamos formam lista extensa. Alguns chegarão para o fim que temos em vista.

«Raspoutine e a Imperatriz», que ainda ha pouco se exhibiu em Lisboa, reconstitue os últimos tempos do tsarismo na Rússia. São factos recentes, quasi contemporâneos sobre os quais está reunida uma documentação abundante. O que se passou nesse período sombrio da História da Rússia excede quanto a imaginação possa criar e constitue, por si só, o mais emocionante drama. Não o entendeu assim o realizador. E por isso deu-se a modificar do principio ao fim os acontecimentos. Resultado: o filme constitue um amontoado de fantasias, quasi todas absurdas, a que falta o caracter de trágica grandezza que os factos na realidade tiveram.

Nem os melhores de entre os realizadores escapam a este vicio condensado. Rouben Mamoulian, que é, quanto a nós, um dos primeiros animadores do cinema norte-americano, fez de «Rainha Cristina» um filme notável sob o ponto de vista artístico e técnico. Mas a verdade sai d'ele deturpada a tal ponto que se lhe poderia com vantagem, ter attribuido uma origem novelesca em que a célebre rainha sueca não fosse envolvida. A personagem criada por Greta Garbo é inteiramente ficticio. Cristina era uma mulher feia, violenta, que não manifestava vestígios de feminilidade. Após ter abdicado, fixou residência em França, onde mandou assassinar o amante. É esta a verdadeira história dos seus amores, por muito que pese aos admiradores do filme.

«Catarina da Rússia, outro bello filme da época passada, enferma do mesmo mal. O tsar Pedro III, a que Douglas Fairbanks Júnior deu uma encarnação sedutora e gen-



Ana Bolena, a rainha de Inglaterra, vista por um artista da época e imitada por Elsa Lancaster no filme de Orson



André-Jacques, irmão de Napoleão, interpretado por Albert Dieudonné, comparado com o retrato de Jean-Léonard



til, está a mil léguas da realidade. Toda a gente, medianamente versada em assuntos de História, sabe que ele era um demente, ébrio e brutal, por quem nunca a tsarina sentiu qualquer afeição. E não ignora também que foi a própria tsarina quem ordenou a sua morte, com o propósito de suprimir o único obstáculo que se podia opôr às suas imensas ambições.

A par destas inexactidões, quasi todos os filmes contêm muitas outras que mais facilmente escapam à observação do espectador e do crítico. E' o caso da indumentária, da decoração, do mobiliário e de outros acessórios cujos anacronismos só se tornam sensíveis para os que possuem conhecimentos vastos da época a que o filme se refere.

Mas onde a verdade histórica é com mais frequência deformada é na interpretação. E o facto explica-se por diversas razões.

Só por acaso o actor possui semelhança física com o personagem que vai desempenhar. O produtor dá, em geral, a primazia às qualidades do artista, deixando para segundo plano o factor da semelhança. Noutros casos predomina um falso conceito estético, julga-se dever dar ao público um espectáculo visualmente perfeito e para isso attribue-se ao personagem uma beleza que muitas vezes ele não teve.

Mas a regra tem excepções e é dessas que nós vamos ocupar. Alguns artistas empenham-se em imprimir às suas criações todo o carácter de autenticidade e, conjugando a sua arte com os dotes físicos, alcançam resultados notáveis.

Albert Dieudonné, o notável artista francês, que interpretou «Napoleão» de Abel Gance, dá nesse sentido um brilhante exemplo. A sua semelhança com a figura conhecida de Bonaparte, na hora incerta em que este iniciava a sua gloriosa carreira, é flagrante e devida não só aos seus dotes físicos mas também ao seu esforço de interpretação.

Alexandre Korda ao realizar «A vida privada de Henrique VIII» foi também animado pelo mesmo escrúpulo de exactidão. Refreimmo-nos à escolha dos interpretes, visto que em conjunto, o seu filme se afasta da realidade, dando-nos dum reinado sangrento uma visão cheia de ironia.

Alexandre Korda teve a guia lo neste caminho a vasta galeria de retratos legada por Hans Holbeim, o novo, pintor alemão que Henrique VIII tomou ao seu serviço e que morreu

Rembrandt, retratado por si próprio e interpretado no cinema por Theodor Loos



débe obteve um divórcio que a salvou de ter o destino das outras esposas.

Outro retrato existente em Vienna, de Jane Seymour, e devido também ao pincel prodigioso de Holbeim, serviu de modelo a Wendy Barrie para a encarnação d'esse papel.

A própria figura de Holbeim, que surge neste filme com caracter episdico, foi evocada com rigorosa exactidão de acôrdo com o auto-retrato do pintor que se conserva no museu de Florença.

Finalmente, Ana Bolena, a infeliz rainha cuja cabeça tombou no catafalco, foi interpretada por Merle de Oberon, que para o fazer se cingiu estritamente a uma delicada gravura de W. Hollas.

Outro caso notável de cuidada semelhança fisionómica é o que nós dá o filme «Rembrandt perante

em Londres, vítima da peste, em 1543, quatro anos antes do soberano inglês.

Holbeim, que cultivou diversos géneros de pintura e em todos foi grande, dedicou-se na última fase da sua vida quasi exclusivamente ao retrato. Possuia um estilo simples e de grande exactidão. As suas obras evocam, portanto, com rigor absoluto as figuras em destaque no seu tempo em Inglaterra.

Charles Laughton inspirou-se num desses quadros existentes em Whitehall para accentuar a sua semelhança física com Henrique VIII. Esse facto, junto a um magistral desempenho, dão à sua criação um carácter extraordinário. Conhecendo o quadro, disse-se ao ver Charles Laughton no *écran*, que a figura pintada por Holbeim se animava para viver os episódios do filme. Foi ainda um quadro do mesmo pintor que se encontra no museu do Louvre que serviu à actriz Elsa Lancaster para a sua graciosa composição de Ana de Cleves, a mulher que conseguiu lograr o terrível «Barba Azul» corado e

Um retrato de Cristina da Suécia, em confronto com a interpretação de Elsa



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

GRALHAS E LAPSOS

Por motivos estranhos à nossa vontade, o pretérito número foi fértil em gralhas e lapsos, dentre os quais destacamos como mais importantes:

N.º	ONDE SE LÊ	DEVE LÊR-SE
N.º 1	até	até
N.º 2	que há de vir	que há-de vir
>	«um»	«um»
>	«arriscado»	«arriscado»
>	«boa disposição»	«boa disposição»
>	amigo	amigos

Ao enigma figurado compete o n.º 14

APURAMENTOS

N.º 9
PRODUTORES
QUADRO DE DISTINÇÃO

MORENINHA
N.º 21

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SÁCRISTA
N.º 22

OUTRAS DISTINÇÕES
Dralieba, n.º 1
DECIFRADORES
QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 24 pontos:

Aço, Africanista, Alfredo Antunes, Antomar, Bisnau, Edilva, Ferjobatos, Jofete, Lérias, Linda Morena, Márius Olho de Lince, Pecadora, Pérola Branca, Rei dos Cow-Boys, Rui Helmingo, Rupama, Sâcrista, Sinhá Duról, Somel, Tino de Óbidos, Veiga, Zé Banana, Zica e Zuraya (todos da T. E. L.); Anastácio, Anguebelo, Fernambelo, Hary, Leirbag, Lengueluca, Miquita, Miriam, V. Lílás, Xicantunes (todos da T. M.); Zé Nabo, Deniz Lima (ambos da T. E.).

QUADRO DE MÉRITO

Ignotus Sum, Viola, Ocsav, Justa, Nélio (todos da T. C. B.), 13. — Marco Lino, Carlos Dias, Faro Leiro, 12.

OUTROS
DECIFRADORES
Alma Lusa, n.º 9
DECIFRAÇÕES

1 — Choca-calhar-chocallar. 2 — Sargo-gola-sargola. 3 — Pola-laca-polaca. 4 — Bajulo. 5 — Tem-tem. 6 — Oprobioso. 7 — Lustroso. 8 — Chicana. 9 — Operoso. 10 — Mortacor. 11 — Udo. 12 — Tribuna. 13 — Prudente. 14 — Marapa-mapa. 15 — Petrosopêso. 16 — Facada fada. 17 — Gaveta-gata. 18 — Cachopa-capa. 19 — Paqueta-pata. 20 — Alegre-agre. 21 — NULO. 22 — SERVIR. 23 — Mal. 24 — Não há formosa sem senão.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 16

MEFISTOFÉLICAS

1) O teu génio provém de *simples modulação*. (2-2) 3.
Colares *Maria Luiza.*
2) O *chuvisco* só molha o *que tem nariz chato*, embora este vista um *gabão*. (2-2) 3.
Luanda *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

3) O rico tudo *adquire* à custa da *tristeza* do pobre *trabalhador*. 2-1.
Ponta Delgada *Jobema (...)*
(*À minha irmã tertuliana «Viola»*)

4) A vida em *combate* de amor *arrasta-nos* a *mágoa*, que fica para sempre a *rival* da nossa *felicidade*. 2-1.
Paços do Brandão *Justa (T. C. B.)*

5) O indivíduo *simples*, e *que não vê*, é *completamente despido* de etiqueta. 1-2.
Luanda *Ti-Beado*

6) O réu *antes* de falar tinha um aspecto *singular* e *via-se* que estava *tolhido moralmente*. 1-1.
Lisboa *Vidalegre (S. C. L.)*

7) O rapaz *deitou comida* na *armadilha* para *apanhar pássaros* e *recitou uma écloga*. 2-2.
Espinho *Zé Agá (T. C. B.)*

SINCOPADAS

8) Você não tem *aptidão* para colhêr este *género de plantas*. 3-2.
Lisboa *Deniz Lima (T. E.)*

9) Mas *que pequenina quantidade!* 3-2.
Lisboa *Lérias (T. E.)*

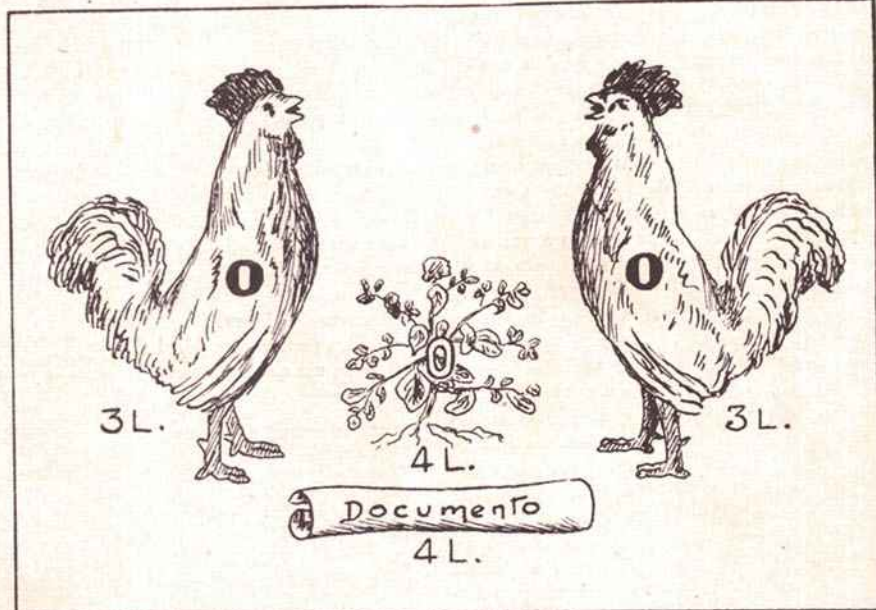
10) O *homem servil* levou um *cachaço* por tua *causa*. 3-2.
Paços do Brandão *Ocsav (T. C. B.)*

11) *¿ Jovial e alegre são sinónimos?* 3-2.
Lisboa *Tino de Óbidos (T. E. L.)*

12) *Desviar e segurar* um amigo do caminho do vício é o sinal da *mais nobre amizade*. 3-2.
Lisboa *Valério (S. C. L.)*

(*Ao confrade «Carlos Elmano»*)
13) Não lhe dê o *colar de pérolas*, porque ele é um *patife*. 3-2.
Lisboa *Xicantunes*

20) ENÍGMA PITORESCO



Viseu

Fontelísio

METAGRAMA

14) Como é bom *namora*, *acultar* esse *segrêdo*... *prender*, *favorecer* a nossa vida com um amor que nunca mais nos há-de *fallar*... — Pois sim, *mas vozes* de burro não chegam ao céu... (5-6)

Caldas da Rainha *Rei Pavor*
EM VERSO

15) Quis ser, à força, poeta — Mas errei a vocação: Quem mandou o sapateiro — Querem tocar rabeção?!

Perante a desilusão — 1
O coração, confragido,
Bate triste, iranicamente...
Profundamente ferido!

Mas bastante inveterada
A aberração, a loucura...
Vou versejando (?) rimando
A miuha eterna amargura!

V. S. Pôrto-Bié *Efonsa*

FIM DE TARDE

(*A «Carlos Elmano»*)

16) Ecoam nas quebradas, magoados,
Os toques das Santíssimas Trindades...
Repousa a aldeia em paz... Já nas herdades
Não vão pisando a terra os bois cansados...

Vinha o cair da tarde. Enamorados, — 2
Vôam pombos no céu. Vêem-se saudades
Florirem pelos prados e herdades.
E solta-se de todos os telhados

Um fumo incerto e vago, esbranquiçado.
Já se apagou o Sol no mar irado...
Tudo é silêncio, que doce canta e reza... — 1

«Pimpão», o astro da noite vai p'lo azul...
E vôa de minh'alma triste e êxul
Um canto triunfal à Natureza...

Coimbra *Ignotus Sum (T. E. — T. B. C.)*

17) *Ma vez um beleguim*, pessoa fina, — 3
Que p'ra rateiro de policia dava,
Quando uma prisão mais effectuava
Viu logo ali cumprida a sua sina.

Prendera então na rua a pobre Lina,
Mulher que por dinheiro o corpo dava,
Quando sentiu que alguém o agarrava
Sem dó nem *compaixão*, pondo em ruína — 1

Seu pobre corpo tão defeituoso;
Porém, o beleguim era *teimoso*,
E ao seu agressor conseguiu fugir,

Mas não havia ainda dado um passo,
Quando sentiu aguda dor num braço,
Mui não tardando em sangue se esvaír!

Lisboa *Olho de Lince (T. E. — T. E. L.)*

18) *A falência* no comércio, — 2
É falta de *«capital»* — 3
Preocupação constante
E inacção profissional.

Lisboa *Sâcrista (T. E. — T. E. L.)*

(*À gentil «Linda Morena»*)

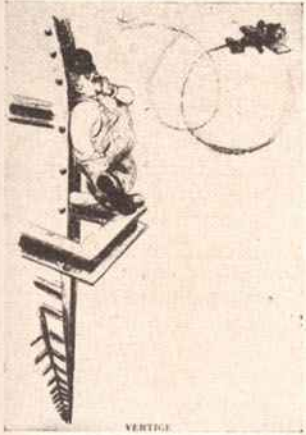
19) *Por favor*, «Linda Morena» — 1
Não me deixe assim sofrer!
Pois você é a pequena
Que jâmais posso esquecer!

Seu *aspecto* de bondade — 2
Exala grande *pureza*.
Pois você é na verdade
A rainha de beleza.

Lisboa *Veiga (T. E. L.)*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Vertigem...



— Até me faz impressão... Até fico nervoso... só com o pensar que estes aviadores não entontecem...

Exame à porta...



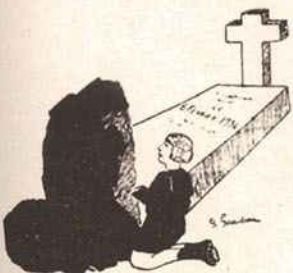
— Se lhe escrevo, meu rico anjo da guarda, é porque não sei ainda a sorte que me espera nos exames... e depende dele o eu ir ou não para a praia...

O caso Stavisky



A comissão de inquérito começou os seus trabalhos...

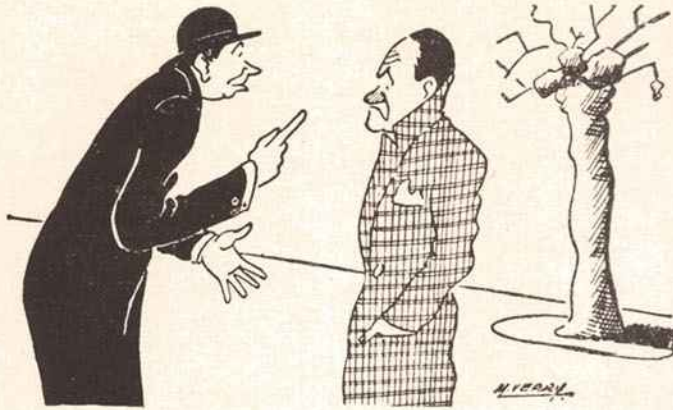
Inocência



— Mamã, está preso o homem que matou o papá?

O espírito francês através da caricatura

Na «hora» dos escandalos...



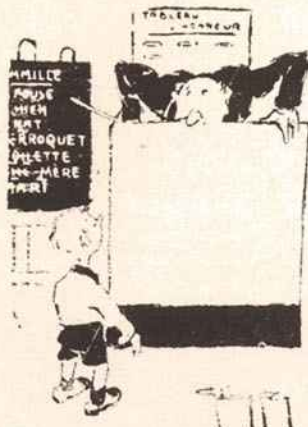
— Esse «negócio» é verdadeiramente escandaloso...
— Qual deles?

No interrogatório do assassino



— Mas o senhor quando foi preso ainda tinha sangue nas mãos.
— E' possível... mas não tanto como o ministro do interior do outro governo...

Repreensão...



— Porque faltaste ontem à escola?
— Casou a minha irmã.
— Deus permita que isso não se repita muitas vezes...

Repreensão...



— Nem pareces meu sobrinho... Não tens vergonha de ter tanta dívida?
— Realmente com uma tia rica... é uma vergonha!

Maternidade



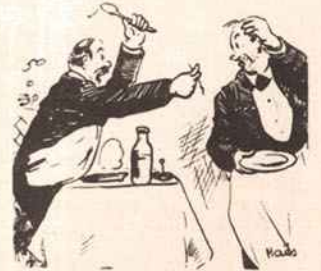
— Há quantos anos a não via, minha querida! O que fez durante esse tempo?

Literatura...



— Vou escrever um livro sobre África.
— Mas tu nunca lá foste...
— Essa é boa! Então o Dante alguma vez foi ao inferno?

Um cabelo...



— João, olha o que estava dentro da sopa!
— Pouca sorte! Já tenho tão poucos... que esse faz-me falta.

Por amizade...



— Aquele médico é muito seu amigo, não é?
— Se é... Foi ele quem tratou dos meus dois defuntos maridos...



Blair Smit 137
Crahn - 138

sobre tudo o respeito dos homens, que não as trataram talvez com a andivel camaradagem de hoje, mas para quem elas tinham um prestígio, que hoje não têm. A mulher antigamente era a mulher, um ente um pouco romântico, frágil, com uma delicada «toilette» que se não podia escangalhar, com um penteados artístico, um grande chapéu guarnecido com um véu que preservava a sua delicada cutis do sol e do vento, diante de quem não se tinham certas conversas e que era enfim, uma senhora pela sua maneira de falar, pelos seus gestos, pela sua maneira e ser, por tudo o que de correcto havia em todas as suas atitudes. A mulher hoje é uma espécie de rapazola, para quem o homem não tem que ter atenções, com quem con-

versa sobre todos os assuntos, que não se importa de tomar atitudes grotescas, se com elas se diverte e a quem é indiferente despetecar-se, escangalhar a sua «toilette» e ter um ar de atrevido garoto. Mas o que é mais engraçado é que a mulher que é assim porque lhe apetece sê-lo, porque se diverte mais assim, porque tem muito mais liberdade, de vez em quando queixar-se de que o homem não tem com ela as atenções que seus pais tiveram com suas mães, sem querer compreender que essa modificação é causada pela sua atitude, pela sua maneira de ser. E a verdade é que o homem que ontem viu uma senhora pé aqui, pé ali, a subir a escada móvel, se amanhã a vir em pé, na plataforma de um eléctrico, não lhe passa sequer pela cabeça oferecer-lhe o seu lugar. E quando a mulher se queixa de que o homem de hoje já não é delicado com ela, deve primeiro lembrar-se de que a culpada é ela, que perdeu o seu prestígio, com o desprezo a que votou a estética, ridicularisando-se voluntariamente aos olhos de todos, e, fazendo assim com que o homem não possa manter o respeito que tinha ou que aparentava ter, pela mulher de outros tempos.

M. de E.
A moda

Nesta quadra do ano a moda não está ainda definida e com a vida ao ar livre e nas praias, pode dizer-se que a moda quasi não existe. Damos um lindo modelo de vestido de chá em serape georgette imprimé. Este vestido dum grande elegância pode servir também para jantar de pequena cerimónia, para as idas à cidade e para viagem uma graciosa «toilette». Saia em pano castanho, casiquinho fechado por botões castanhos, numa sêda às ricas castanho e beije. Chapéu em palha castanho, feito «bretons». As lavas que dão muito tom ao conjunto são em pele de «cheateau» guarnecidas a pele

PÁGINAS DA MULHER

beije. O outro vestido é um conjunto graciosíssimo. Um «tailleur» em sêda crua muito grossa, na cor natural. Blusa sem mangas em sêda «marrocaïn» azul escura com bolas brancas, chapéu em palha beije com uma fita em «grassgrain» azul escura. Lavas em «crochets». Para a praia um vestido substituto de pijama em malha de lã azul escura. Galões brancos e ancuras boriladas a barro guarnecem o vestido assim como um linho entrançado em galho branco. No outro grupo, temos um outro traje de praia, saia vermelha, corpa às riscas vermelhas e brancas. Casaco às riscas com encaixe em vermelho, boina branca. Dois «maillots», em lã branca para natação. Um com «ainha» o que é sempre muito apreciável porque as raparigas ficam muito mais compostas. Mesmo as outras só se usam para raparigas muito novas. Os banhos de sol continuam em moda e a maneira de os tomar é em «maillots». Como novidade nada mais podemos dar nesta época em que a vida se faz num «à-vontade da maior vantagem para a saúde, em que a elegância é relegada para um segundo plano.

Novidades

É conhecida a existência dos livros manuscritos, cuja antiguidade se perde na noite dos tempos. E é ainda mais conhecida e célebre, onde e quando a humanidade teve o livro impresso. Mas nem todas sabem que pelo menos dentro em pouco o livro falado, pelo menos segundo as esperanças do seu inventor. A ideia deste exemplar de livro é devida



um cigarro na boca, podeis ouvir as aventuras do protagonista do último romance do autor da moda ou os versos poéticos do poeta preferido, até que cansado de o ouvirdes, fagais calar o aparelho.

Escritores do passado

MADAME Marie Louise Railliron, neta de François Buloz, que fundou em 1830 a «Revue des Deux Mondes», conserva todos os papéis do seu illustre avô. Publicou os mais preciosos desses documentos e o «Temps» a propósito disso, conta a história desse grande jornalista. O seu debut na vida foi muito difícil. Filho dum relojoeiro saboiano, foi mandado pequenino para o liceu «Louis Le Grand». No primeiro contacto com os seus condiscipulos recebeu um «sêco», que o cegou dum olho. Começou a ganhar a sua vida numa fábrica de produtos químicos. Trabalhador incansável, aprendeu entretanto o inglês, sem mestre, e, colaborava na «Biografia dos Contemporâneos» com 50 francos por mês. Assim que pôde molhar uma água-furtada e teve casa sua. Em seguida conquistou a protecção do escultor François Baze, discípulo de David. Conheceu-lhe a filha, apaixonou-se por ela e pediu-a em casamento. A primeira vez recebeu uma recusa. Não desanimou e voltou à carga, e, não conseguindo, escreveu aquela que amava, uma carta tão discreta, tão triste, tão eloquente de resignação e de humilde amor, que Christine Baze sentiu-se comovida e o casamento realizou-se em 24 de Outubro de 1835. Já há um lustro, isto é desde

1830, que lhe dirigia uma pequena revista, que tinha 800 assinantes e lhe rendia sem francos por mês, e, que se intitulava a «Revue des Deux Mondes». Em quarenta anos que dirigiu a revista, que sempre, como todos sabem, cada vez mais prosperava, Buloz nunca destruiu um único papel. Tudo guardou, tudo classificou e se pensarmos, que todos aqueles com quem mantinha correspondência usavam os nomes mais illustres da politica, da ciência, das artes e da literatura, desde Vitor Hugo a Ampère, desde Balzac a Thiers, compreendemos bem que aqueles milhares e milhares de autógrafos formem um arquivo privado, a que nenhum outro pode ser comparado.

Buloz além de ser um excelente homem, um verdadeiro sábio e um grande espirito, foi também um excelente marido e Christine Baze todos os dias se felicitava de ter feito este bom casamento, que ao principio não lhe inspirava confiança.

Manual de Civildade

Um Manual de Civildade publicado em 1766, fornece-nos preciosas indicações sobre a forma de estar à mesa, com boas maneiras e que devia ser usado pelas pessoas bem educadas. «Limpar sempre a nossa colher, depois de vos terdes servido dela, quando quizerdes tirar qualquer coisa dum outro prato: há pessoas muito delicadas ou antes esquisitas, que não comeriam a sôpa no prato que tivesses levado à boca». «Se por desgraça vos queimais, tomai o prato com graça, com uma mão, levai-o à boca enquanto cubris esta com a outra mão e ponde delicadamente no prato o que tinheis na boca». «Reparaí de não deitar nada para o chão a menos que não seja qualquer coisa de liquido». «Tende cuidado de não molhar o vosso pão e a vossa carne na molheira nem nos pratos alheios». «Não oferecer aos outros o que provaste, e tende como regra geral que tudo o que já esteve na vossa boca não deve tornar a ser pôsto na travessa». Na Corte do Grande Rei eram ainda mais delicados e era recomendado: «Lavar as mãos em presença dos outros convivas, antes de se sentar à mesa, mesmo que se não tenha necessidade, para que aqueles que tinham de meter a mão na travessa o possam fazer sem que haja necessidade que haja dúvidas sobre a sua limpeza». Subindo até ao fim do século XVI nos tempos de Henrique IV, encontramos com a etiqueta era menos severa. Era admitido mular na travessa, comer o pedaço de carne que cada um tinha escolhido. «Se os outros molharem o seu pão na travessa pode fazer-se sem faltar a delicadeza. Se houver uma colher na escudela, pode usar-se para provar, tendo cuidado em a lambor bem antes de a tornar a colocar». Fica assim explicado o antigo uso, que levava as donas de casa a colocar à mesa, junto uns dos outros, os convidados que eram intimos ou amigos, o que simpatizavam entre si. Nos tempos em que se enchadorava nas travessas e se lambiam as colheres comuns, esse hábito tinha um grande valor e até uma alta importância.

O amor há três mil anos

O illustre filólogo Franz Delitzsch, teve nas suas mãos um bilhete escrito por uma jovem babilonense ao seu namorado. Não se trata bem dum bilhete, mas dumha placa de argila na qual estão escritas as seguintes palavras: «Ao meu querido Bibi, Semil Marduck, que Sours e Marduck te desse uma longa vida! Como estás? Escreve-me. Fui à Babilônia mas não te encontro o que me causou uma grande tristeza. Diz-me que voltas breve e dar-me-ás felicidade. É absolutamente necessário que venhas. Que possas viver eternamente para o meu amor? A placasta parece-se com certos amíneios que se lêem na quarta página dos jornais do nosso tempo. No entanto, foi objecto de longos estudos, da parte do sábio alemão, o qual chegou à seguinte conclusão: «A pobre Semil Marduck, procurou o seu Bibi na Babilônia



e não o encontrou por isso faz-lhe ternas sensações. Não é para excluir a hipótese de que a sua ligação não fosse matrimonial... Mas isto são considerações que ultrapassam o campo da filologia. Comovente descrição! No entanto, uma coisa pode consolar a infeliz esposa ou namorada de Bibi, se a sua missiva foi desprezada pelo Bibi infeliz, teve porém a honra, três mil anos mais tarde de ser lida e lida amorosamente e com o maior cuidado por um sábio alemão!

Receitas de cosinha

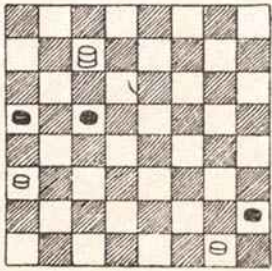
Ovo de Parafuso: Dois quartinhos de leite, duzentas grammas de açúcar, quatro ovos, 125 grammas de amêndoa pisada, e 50 grammas de farinha desfeita numa pouca de água, põe-se tudo ao lume, a fogo lento, para que coahle, sem cessar de mexer. Conhece-se que está no ponto, por uma cadeia que se forma por cima. Tem-se uma forma arranjada com palitos «la réme», deita-se-lhe por cima a massa e polvilha-se com açúcar e canela.

Engana Não: Meia dúzia de ovos e um quartinho de leite. Põe-se o leite a ferver e batem-se as claras em ponto de castelo. Quando o leite ferve deitam-se colhedoras e deixam-se coser. Colocam-se numa travessa. No leite deitam-se as gêmeas e o açúcar. Faz-se um creme não muito espesso e deita-se sobre as claras cosidas.

Pensamentos

«O ouro pode partilhar-se a lisonja não. Todos os lisonjeadores vivem à custa de quem os isenta.

Problema de Damas



PRETAS, 3
—
As
brancas
jogam
e
ganham
—
BRANCAS, 3

Problema de Bridge

Espadas — R. V. 3.
Copas — A. R.
Ouros — D. 4, 3.
Paus — — — — —

Espadas — D. 10, 8. **N** Espadas — 7, 6.
Copas — — — — — **O** Copas — 7, 5, 2.
Ouros — V. 10, 7. **E** Ouros — 8.
Paus — 8, 2. **S** Paus — 6, 4.

Espadas — 4, 3.
Copas — 10, 9.
Ouros — 5, 2.
Paus — D. 9.

Sem trunfo. S. joga e faz todas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga paus que N corta com o 5 de trunfo, jogando em seguida o Valete de trunfo, e S balando-se ao Rei de espadas. N joga depois ouros o que permitirá a S fazer duas vasas com o Az e o Valete de ouros. S joga espadas e os seus adversários farão uma única vasa com o Valete de espadas, visto que N fará uma vasa de espadas e outra com a sua carta pequena de ouros.

Empréstimo de exército

Durante a guerra de Secessão nos Estados Unidos, quando o general Georges Mac-Clellan era comandante em chefe das forças da União, o presidente Lincoln impacientou-se de ver que ele não fazia entrar o exército em acção. Porque a tática do general era temporizar e, para evitar qualquer erro, agir o menos possível.

As coisas, portanto, não avançavam, de forma que, um belo dia, Lincoln dirigiu ao chefe demasiado prudente, uma carta impregnada daquele espírito glacial que lhe era familiar:

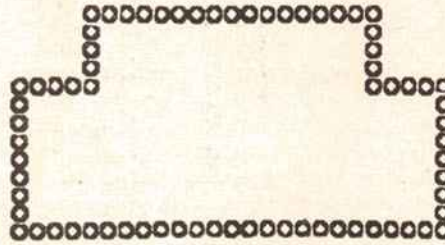
«Meu caro Mac-Clellan: — Se não quer servir-se do exército, obsequiar-me-ia, emprestando-mo por um momento. Todo seu, respeitosa-mente — A. Lincoln.»

Fóra as mulheres...

O «Clube dos Cem», de Paris, aprovou por unanimidade a resolução do não admitir aos seus jantares semanais nenhuma mulher. Os membros do clube temem que o elemento feminino perturbe a ordem que deve reinar nas suas reuniões.



Problema geométrico



Dividir esta figura em quatro partes iguais

O mais rápido hidro-avião do mundo

O hidro-avião que, em 1933, alcançou o record da velocidade, foi o «Macchi-Féat M. C. 72», italiano, no qual o oficial subalterno Agello atingiu e ultrapassou mesmo a velocidade de 700 quilómetros à hora. Neste andamento, o piloto italiano percorria aproximadamente 194 metros por segundo.

Deve-se o projecto deste aparelho ao engenheiro Castoldi, e foi construído no intento de concorrer ao grande prémio internacional de aviação, a «Taça Schneider», que conseguiu efectivamente ganhar.

Ovos com iodo

Na Hungria uma camponesa conseguiu, mercê duma nutrição apropriada, obter ovos contendo 186 miligramas de iodo sem lhes alterar o gosto. Estes ovos medicinais são considerados magníficos para a cura de certas doenças, como o bocio.

O espírito inglês



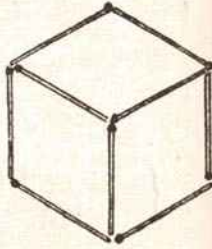
— Olha, pai, o Tomoca fez uma maldade.
— Bem, mas não quero que sejas tu que mo venhas dizer.
Ele é que te não vem dizer, com certeza!

(«Do Punch»)

A figura de 6 faces

(Solução)

Olhando para o desenho vê-se quanto a questão era simples de resolver. Não se exigia que a figura fôsse plana nem formada com os nove fósforos. Apresentamos aqui, em perspectiva, um cubo, figura regular de seis faces.



Problema de Xadrês

(Solução)

Lance inicial: D—S T R

Se P:	Mate por:
D—1 T D	C—6 C D x
D—2 C D	P x D x
D—3 C D	C x D x
D x B x	C (S R)—6 D x x
D outra parte	T—8 C D x
C loja	C (4 B)—6 D x
B loja	B x P D x
P D loja	D—3 T R x

“Menu” tentador...

Um viajante, em frases sóbrias e incisivas, descreve o que é uma ceia em Popayan, na Columbia:

«A refeição começa por um gróssio xarope de bananas, perfumadíssimo e doce como o mel. Segue-se a sopa, o clássico «sancho», onde nadam batatas, fatias de pão, bananas e raiz de abóbora. A isto junta-se a polpa mole de um fruto chamado «aguacate», que é sempre servido nos jantares colombianos.

Depois vem o arroz cozido só em água e, à parte, um bocadinho de carne. (O arroz na Columbia mistura-se em todos os pratos, até mesmo com ovos fritos, e substitui o pão). Segue-se uma fatia duma torta adocicada, de origem muito original e misteriosa, na qual, se não erro, se encontram bocados de carne picada e que é acompanhada de bananas fritas.

Há ainda um creme acinzentado e denso, como caramelos derretidos, que o meu vizinho de mesa, um gentilíssimo e amável mestiço colombiano, devora com visível satisfação, aconselhando-me a misturar-lhe leite frio. Trazem-me em seguida fruta descascada regada com um xarope qualquer e um ótimo café servido em microscópicas chicaras.

Enfim, uma ceia feita para castigar um guloso e tirar-lhe por muito tempo o gosto pelas coisas doces!»

Pensamentos

O homem, que não tem inteireza de carácter, não é um homem, é uma coisa.

Champort.

Deus fez a mulher e descançou.

Mahomet.

Grande sucesso literário:

À VENDA O 4.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Génèbra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de sáias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As : : : : : amigas do homem : : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado 12\$00
encadernado 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**O trabalho violento**

cansa e necessita dum organismo resistente. Mas, nem esse mesmo organismo se livra de perturbações, visto que, muitas vezes, o trabalho tem de ser feito ao ar livre, à mercê do tempo, principalmente ao calor do estio. O calor provoca congestões, cujos sintomas são dores de cabeça, abatimento e fadigas.

A Cafiaspirina é o remédio próprio para essas perturbações, porque tem uma acção reguladora sobre a circulação do sangue. Dois comprimidos de Cafiaspirina bastam, para fazerem desaparecer rapidamente as dores e restituir o bem-estar.

Cafiaspirina

o produto de confiança.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática**

COLEÇÃO METÓDICA DE 6.380 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 198 GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COURO E PELES — ANIMAIS DANINOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontável, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., bochado . . . Esc. 12\$00
Encadenado. Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ALEXANDRE HERCULANO

SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de **Victorino Nemésio**

1 vol. de 324 págs., broc. 12\$00
enc. 17\$00

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's Ladies Journal — The Lady Fashion Book — Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda a 3.ª edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóptico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

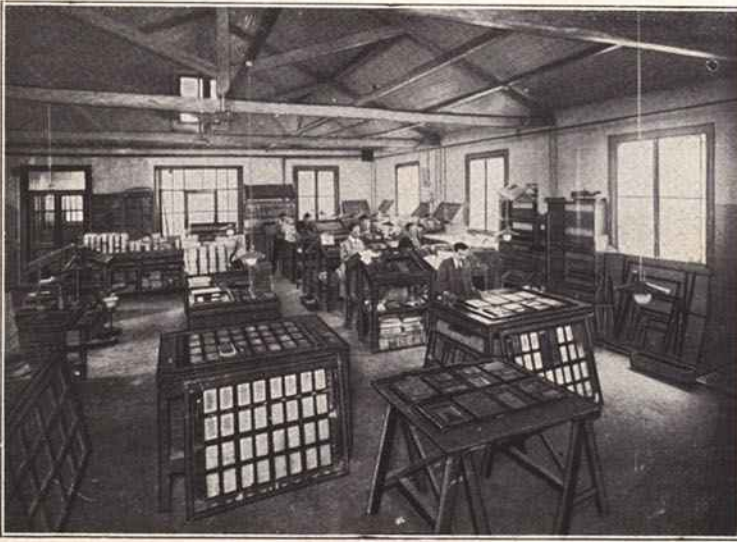
1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA



Oficina de composição

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

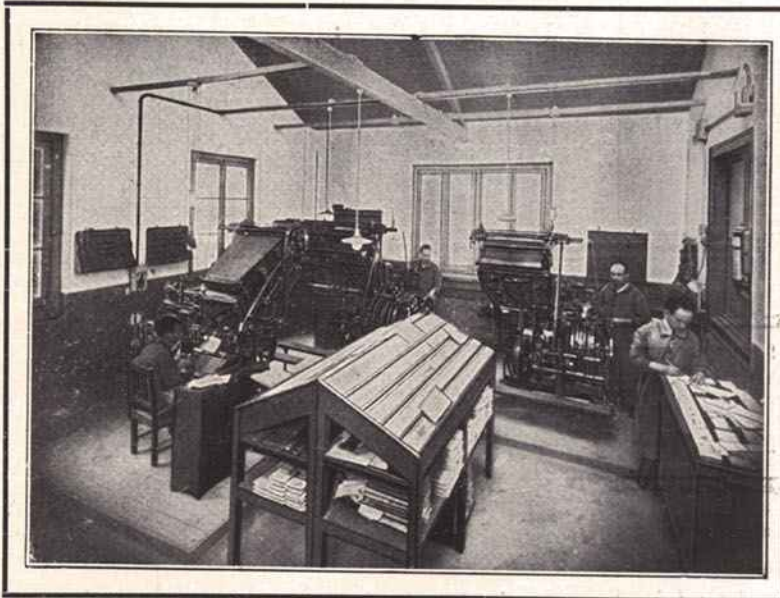


TRABALHOS COMERCIAIS

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

INEXCEDIVEL PERFEIÇÃO

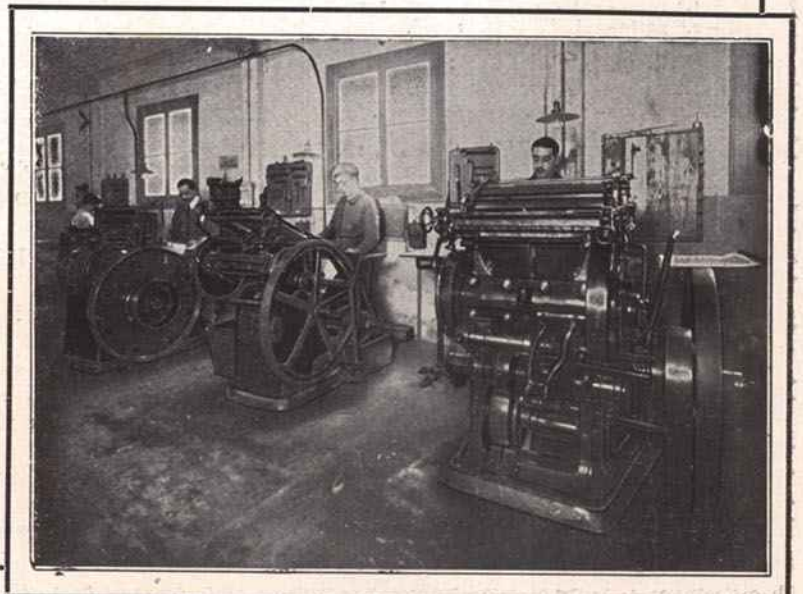
ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|---|--|--|
| 1—DA TERRA A LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol. | 28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol. | 55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol |
| 2—A RODA DA LUA, 1 vol. | 29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol. | DOIS ANOS DE FÉRIAS: |
| 3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol. | 30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA, 1 vol. | 56—1.ª parte— <i>A escuna perdida</i> . 1 vol. |
| AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS: | A CASA A VAPOR: | 57—2.ª parte— <i>A colónia infantil</i> . 1 vol. |
| 4—1.ª parte— <i>Os ingleses no Polo Norte</i> . 1 vol. | 31—1.ª parte— <i>A chamma errante</i> . 1 vol. | FAMÍLIA SEM NOME: |
| 5—2.ª parte— <i>O deserto de gelo</i> . 1 vol. | 32—2.ª parte— <i>A ressuscitada</i> . 1 vol. | 58—1.ª parte— <i>Os filhos do traidor</i> . 1 vol. |
| 6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol. | A JANGADA: | 59—2.ª parte— <i>O padre Joan</i> . 1 vol. |
| 7—AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol. | 33—1.ª parte— <i>O segrêdo terrível</i> . 1 vol. | 60—FORA DOS EIXOS, 1 vol. |
| 8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol. | 34—2.ª parte— <i>A justificação</i> . 1 vol. | CESAR CASCABEL: |
| OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT: | AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES: | 61—1.ª parte— <i>A despedida do novo continente</i> . 1 vol. |
| 9—1.ª parte— <i>América do Sul</i> . 1 vol. | 35—1.ª parte— <i>A descoberta da terra</i> . 1.º vol. | 62—2.ª parte— <i>A chegada ao velho mundo</i> . 1 vol. |
| 10—2.ª parte— <i>Austrália Meridional</i> . 1 vol. | 36—1.ª parte— <i>A descoberta da terra</i> . 2.º vol. | A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN: |
| 11—3.ª parte— <i>Oceano Pacífico</i> . 1 vol. | 37—2.ª parte— <i>Os navegadores do século XVIII</i> . 1.º vol. | 63—1.ª parte— <i>A procura dos naufragos</i> . 1 vol. |
| VINTE MIL LÉGUAS SUBMARIINAS: | 38—2.ª parte— <i>Os navegadores do século XVIII</i> . 2.º vol. | 64—2.ª parte— <i>Deus dispõe</i> . 1 vol. |
| 12—1.ª parte— <i>O homem das águas</i> . 1 vol. | 39—3.ª parte— <i>Os exploradores do século XIX</i> . 1.º vol. | 65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol. |
| 13—2.ª parte— <i>O fundo do mar</i> . 1 vol. | 40—3.ª parte— <i>Os exploradores do século XIX</i> . 2.º vol. | 66—EM FRENTE DA BANDEIRA |
| A ILHA MISTERIOSA: | 41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol. | A ILHA DE HÉLICE: |
| 14—1.ª parte— <i>Os naufragos do ar</i> . 1 vol. | 42—O RAIOS VERDE, 1 vol. | 67—1.ª parte— <i>A cidade dos biliões</i> . 1 vol. |
| 15—2.ª parte— <i>O abandonado</i> . 1 vol. | KERABAN, O CABEÇUDO: | 68—2.ª parte— <i>Distúrbios no Pacífico</i> . 1 vol. |
| 16—3.ª parte— <i>O segrêdo da ilha</i> . 1 vol. | 43—1.ª parte— <i>De Constantinopla a Scutari</i> . | 69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol. |
| MIGUEL STROGOFF: | 44—2.ª parte— <i>O regresso</i> . 1 vol. | A ESFINGE DOS GELOS: |
| 17—1.ª parte— <i>O correio do Czar</i> . 1 vol. | 45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol. | 70—1.ª parte— <i>Viagens aos mares austrais</i> . 1 vol. |
| 18—2.ª parte— <i>A invasão</i> . 1 vol. | 46—OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO, 1 vol. | 71—2.ª parte— <i>Lutas de marinheiro</i> . 1 vol. |
| O PAIS DAS PELES: | MATIAS SANDORFF: | 72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol. |
| 19—1.ª parte— <i>O eclipse de 1860</i> . 1 vol. | 47—1.ª parte— <i>O pombo correio</i> . 1 vol. | O SOBERBO ORENOCO: |
| 20—2.ª parte— <i>A ilha errante</i> . 1 vol. | 48—2.ª parte— <i>Cabo Matifoux</i> . 1 vol. | 73—1.ª parte— <i>O filho do coronel</i> . 1 vol. |
| 21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol. | 49—3.ª parte— <i>O passado e o presente</i> . 1 vol. | 74—2.ª parte— <i>O coronel de Kermor</i> . 1 vol. |
| 22—AS ÍNDIAS NEGRAS, 1 vol. | 50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol. | 75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol. |
| HEITOR SERVADAC: | 51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol. | 76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol. |
| 23—1.ª parte— <i>O cataclismo cósmico</i> . 1 vol. | 52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol. | 77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol. |
| 24—2.ª parte— <i>Os habitantes do cometa</i> . 1 vol. | NORTE CONTRA SUL: | 78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol. |
| 25—O DOUTOR OX, 1 vol. | 53—1.ª parte— <i>O ódio de Texar</i> . 1 vol. | 79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol. |
| UM HERÓI DE QUINZE ANOS: | 54—2.ª parte— <i>Justical</i> . 1 vol. | |

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (4.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÈS E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CBIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	15\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

ou à LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

'Gosto tanto da Ovomaltine!...'



A Ovomaltine é o alimento predilecto das crianças, porque lhes fornece as energias necessarias dispendidas durante um dia de descuidada brincadeira. Esta deliciosa bebida alimentar contém numa forma concentrada, mas facilmente digerivel, todos os elementos nutritivos essenciaes para a formação de organismos e nervos saudaveis, e espiritos alegres

A Ovomaltine é preparada com malte

da melhor qualidade, leite e ovos frescos. Ao contrario das imitações, não contem assucar vulgar, que aumentando o volume lhe reduz o preço.

A Ovomaltine tem uma percentagem de 100 % de alimentos nutritivos e considerando a sua superior qualidade, é a bebida tónica alimentar mais barata que se póde comprar. Há só uma Ovomaltine, nada há que a substitua.

A vendida em todas as farmacias, drogeries e boas mercearias em latas de 110, 250 e 500 gramas, aos preços de Esc. 9\$50, 18\$00 e 34\$00

DR. A. WANDER S. A. Bernc

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^o (IRMÃO)

RUA DOS CORREIROS, 41-2.^o - LISBOA